

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

MARCELA REZENDE GEA

Corpos marcados: adolescência e ideais na contemporaneidade

SÃO PAULO

2013

MARCELA REZENDE GEA

Corpos marcados: adolescência e ideais na contemporaneidade

(Versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Psicologia
Social

Orientador:
Prof. Dr. Nelson da Silva Junior

SÃO PAULO

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Gea, Marcela Rezende.

Corpos Marcados: adolescência e ideais na contemporaneidade / Marcela Rezende Gea; orientador Nelson da Silva Junior. -- São Paulo, 2013.

81 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Adolescência 2. Psicanálise 3. Subjetividade 4. Tatuagem I.
Título.

BF724

GEA, Marcela R. *Corpos marcados*: adolescência e ideais na contemporaneidade. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

A minha querida Vó Ernesta, por me ensinar com seu suave jeito mineiro a perceber e acreditar nos milagres do cotidiano.

AGRADECIMENTOS

Ao Rômulo, agradeço primeira e essencialmente, pela vida partilhada, pelo encanto renovado. Pela beleza de um novo dia.

Ao meu pai Giomar, a força de sua presença me tornou forte e me ensinou o valor da resiliência. A minha mãe Lia: pelo companheirismo, pelo cuidado, pelo carinho e, sobretudo, pela fé.

A Nathália, Vinícius e Seu Jorge: pela doçura e acolhida de uma família. Pelo refúgio silencioso em momentos difíceis. Ao pequeno Diogo: por me ensinar o imenso amor de ser tia desde o primeiro olhar.

A Marta e Luis: pela generosidade e pela aposta.

A minha Vó Nair e minha Madrinha Alice: pela serenidade, pelo aconchego.

Ao Nelson e a Lena: pelo apoio, pelo compartilhar, pela poesia de uma constância. Nelson, professor, orientador, psicanalista: por dar sentido a palavra, a construção do trabalho e ao prosseguir. Pela amizade.

Ao grupo de orientação Maíra, Alessandra, Tatiana, Ludu, Maria, Rafael, Sérgio: pelas contribuições ao trabalho, ao cotidiano da pesquisa, pelas discussões e, principalmente, pelas dúvidas.

A Vivi e ao Pedro: pela delícia do encontro.

A Glaucia: pela parceria e pela cumplicidade do sim.

A Carol, Débora, Elisa, Suely, Talita e Tífani: pela amizade, pela história e pelas intensidades de paixões partilhadas. A Raquel: pela irmandade e pelo conforto em contar com uma eterna presença, mesmo à distância.

A Tatiana e Silvia, encarnação da beleza presente na reafirmação diária da feminilidade.

A Renata e ao Flávio, pela hospitalidade, por eternos brindes.

A Denise Bernuzzi Sant'Anna e Tiago Corbisier Matheus pela atenção e generosidade na leitura do trabalho em sua fase inicial.

Aos professores Jean-Luc Gaspard e Alain Abelhauser: pela aprendizagem, pela problematização e pelo abrir de portas.

A David Le Breton, por reavivar meu interesse sobre os temas do corpo e da adolescência.

A Laura, Ron e grupo Samba de Gafieira Genève que com sua alegria tornaram possíveis os retornos ao trabalho.

A Cristian Pedrozo, pela inocência corajosa.

Ao CNPQ: pela bolsa sem a qual a dedicação a este trabalho não seria possível.

Finalmente, Genebra: obrigada pelo acolhimento, pelo lar... pelo futuro.

“[...] Compre um lote do futuro,
cheque para trinta dias.
Nosso plano de seguro
cobre a sua carência.
Eu perdi o paraíso
mas ganhei inteligência,
demência, felicidade,
propriedade privada.
Não se prive não se prove.
‘Don't tell me peace and love.’
Tome logo um *engov*
pra curar sua ressaca da modernidade.
[...]
O presente não devolve o troco do passado.
Sofrimento não é amargura,
tristeza não é pecado.
Lugar de ser feliz não é supermercado.

Tire o seu *piercing* do caminho,
que eu quero passar,
quero passar, com a minha dor.”

Zeca Baleiro

RESUMO

GEA, Marcela R. *Corpos marcados: adolescência e ideais na contemporaneidade*. 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

A adolescência pode ser considerada como um momento constituinte do indivíduo, na medida em que decorre de um questionamento e deposição dos modelos parentais, e uma reconstrução da imagem de si, assim como de seu sentido no círculo social. Neste novo processo de organização e estruturação as bases culturais serão de extrema importância. Para o adolescente sua problemática de mudança se concretiza nas modificações em seu corpo, nas novas sensações que o acompanham e no novo lugar ocupado por este em sua história. O papel central ocupado pela função do corpo nos ideais culturais contemporâneos, ligado a superestimação ao valor das sensações, promove uma potencialização desta forma de viver a corporalidade e neste momento as marcas corporais podem atuar como um símbolo de uma marcação histórica escolhida neste corpo reconstruído. Através desta conjunção de fatores, a tatuagem e o *piercing* ganham importância para o sujeito adolescente que, partindo de um momento de realocação de referenciais culturais, marca na pele a apropriação de seu novo corpo e de seu inédito lugar simbólico na comunidade social, contudo sem abrir mão de sua conformidade ao jogo da cultura. Este estudo, de referencial psicanalítico, busca investigar os efeitos de valores da contemporaneidade em sua relação com repercussões psíquicas características da adolescência. Além deste ponto, visa analisar a relação destes com a adesão crescente às marcas corporais a partir dos conceitos de ideais e de historicidade corporal.

Palavras-chave: Adolescência, Psicanálise, Subjetividade, Tatuagem.

ABSTRACT

GEA, Marcela R. *Marked Bodies: adolescence and ideals in the contemporary*. 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Adolescence may be considered a stage that establishes an individual, as it arises from the questioning and deposition of parental models, reconstruction of self-image, as well as one's role at the social circle. This new process of organizing and structuring will have the cultural basis as of utmost importance. For the adolescent, the issues over these changes materializes themselves on modifications over his body and on new sensations, which follow it and on the new position this body occupies in his history. The central role played by the body function in the contemporary cultural ideals, linked to the overestimation of the values of sensations, promotes an intensification of this way of living the corporeality and at this stage body marks may act as a historical print symbol chosen in this rebuilt body. Through this association of factors, tattooing and piercing have an increased importance to the adolescent individual who, starting from a period of cultural references replacement, marks his own skin with the takeover of his new body and with his unexplored symbolic place in social community, nevertheless without giving up his compliance to the cultural game. This study, psychoanalytic referenced, aims to investigate the effects of contemporary values in its relation with psychological repercussions typical from the adolescence. Beyond this point, it aims to analyze these relations with increased usage of body marks starting from concepts of ideals and body historicity.

Keywords: Adolescence, Psychoanalysis, Subjectivity, Tattooing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	9
Adolescência: uma proposta para pensar uma inquietação além de fronteiras	14
Especificidades do estudo e utilização dos recortes clínicos	18
As marcas corporais neste trabalho: tatuagens e <i>piercings</i>	19
Sobre os capítulos desta dissertação	20
1. MARCAS CORPORAIS: A TATUAGEM, O PIERCING E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	21
1.1 Marcas corporais e corpo na contemporaneidade	26
1.2 Marcas corporais e reconstituição subjetiva na adolescência	29
2. RESSIGNIFICAÇÕES COMPARTILHADAS: ADOLESCÊNCIA E CORPO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	33
2.1 <i>Weltanschauungen</i> e narrativas de destino: as marcas impressas pelo corpo- imagem	39
3. SUJEITO PSÍQUICO EM TURBULÊNCIA PULSIONAL: OS IDEAIS E A ADOLESCÊNCIA	46
3.1 Breve histórico	47
3.2 Reflexões sobre adolescência e psicanálise	52
3.3 Ideais: a dimensão social na fundação do sujeito psíquico	57
3.3.1 Ideais: limites do sujeito e da psicanálise	60
3.3.2 Os conceitos de ego ideal e ideal de ego: Freud e outros autores	61
3.3.3 Ideais culturais e ideais de massa: a cultura e seus papéis	65
3.3.4 Vivência da corporalidade e os ideais de uma cultura	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

“Um corpo é o corpo e os corpos que lhe deram origem. Um corpo é um corpo e o vazio dos corpos faltantes ao seu redor. Um corpo inclui o sentido e o sem sentido da vida e a dura noção da morte, que o acompanha desde a origem até o final certo.”

Maria Rita Kehl

A adolescência, por ser caracterizada como um momento de passagem e de reconstituição subjetiva, pode ser considerada, em função de seus fenômenos psíquicos e sociais, como um relevante instrumento de observação de questões pertinentes à sociedade como um todo. O sujeito adolescente se encontra em um momento em que seus referenciais culturais e seu universo simbólico passam por uma fundamental reestruturação. Nesta conjuntura destaca-se o papel do corpo para sociedade atual, enquanto garantia de inserção social, registro de experiências e referência central para a narrativa histórica do sujeito.

Como será desenvolvido ao longo dos capítulos, este trabalho destaca a importância da vivência da corporalidade na atualidade, tanto para a reformulação dos ideais de ego na adolescência, como enquanto presença estruturante dos ideais culturais, âmbitos estes que se mostram essencialmente conectados. Em uma sociedade na qual o corpo passa a ser o suporte para a subjetividade, a adesão às marcas corporais, como tatuagens e *piercings*, pelos adolescentes podem se mostrar enquanto um útil elemento de observação deste funcionamento e de seus efeitos para a economia psíquica do sujeito contemporâneo. Através do momento de reformulação subjetiva dos adolescentes, no qual as dinâmicas psíquicas estão em modo superlativo, os limites entre o sujeito, seu corpo e a cultura podem ser interrogados de forma privilegiada.

Como início da reflexão sobre esta conjuntura apresenta-se o relato Adriano sobre sua experiência em relação às suas tatuagens:

Ah, eu tenho só duas marcas. Duas tatuagens, só! Mas é... na época em que eu fiz eu quase acabei fazendo mais e mais! E aí eu parei. Fiz uma e depois de cerca de menos de um mês eu acabei fazendo mais outra e eu quase fiz uma terceira, só que aí eu tive uns problemas na minha casa, com a minha mãe, que não gostou muito. Geralmente pelo que eu vejo assim, algumas famílias, dependendo da situação, dependendo da postura, dos valores, não gostam muito de... desse tipo de atitude assim... de colocar uma tatuagem ou um piercing. Mas aí eu parei. Fiz essas duas e parei e... mas eu fico

sempre com aquela idéia de... de repente fazer mais uma. [...] Mas me parece que existe uma necessidade quando você faz uma, de fazer outra. Geralmente as pessoas que fazem uma tatuagem, elas acabam fazendo mais que uma, ou mais. De repente até ficar com o corpo parecendo um gibi né? Mas é isso assim. (Adriano, primeira tatuagem aos 18 anos)

Nas palavras de Adriano, o momento de adesão à tatuagem ressalta emblematicamente o dilema adolescente: o encontro com suas experiências corporais e os conflitos com o discurso parental. Simultaneamente um referencial cultural surge imperativamente neste processo: a vivência da corporalidade enquanto suporte para a narração histórica para o sujeito. Partindo de um momento de reconstituição de referenciais simbólicos, o jovem marca na pele, à maneira de um "gibi", sua história ilustrada e encarnada, não deixando de representar, entretanto, o inerente mal estar deste não-lugar de passagem.

O processo adolescente marca este tempo de transição do estado infantil para o estado adulto. Tal como é concebida a partir dos moldes atuais, a adolescência caracteriza-se por ser um período de importantes separações, elaborações de perdas e rompimentos com o já estabelecido para se partir, então, em busca de um desconhecido temido, mas ineditamente desejado. Neste contexto, renúncias tornam-se necessárias para adentrar este novo território e a alternância entre perdas e aquisições permeiam esta passagem. A forma como o processo da adolescência é experienciado em nossa cultura a transformou em um importante referencial para a história do indivíduo, influenciando de forma categórica sua constituição subjetiva, uma vez que direciona escolhas, projetos e metas.

Neste cenário de desacomodação, o sujeito vê-se diversas vezes frente à exigência de processar psiquicamente um excesso que ora o invade de fora, ora o ataca de dentro. Uma das tarefas mais necessárias e conflituosas deste percurso é o trabalho de ressignificação do passado, presente e futuro, enfaticamente assinalado pelas notáveis transformações da puberdade e todo trabalho psíquico que ela exige. Assim enfatiza Kother Macedo (2004), “O processo da adolescência não é somente lidar com o que se perde, mas também se apropriar do que se ganha.” Como uma de suas tarefas centrais, o adolescente, além de simbolizar a perda do corpo infantil, precisa sentir-se proprietário deste conhecido- desconhecido corpo em transformação. Um corpo estrangeiro que revoluciona sensações experimentadas, inaugurando possibilidades de experiências inéditas.

Entretanto, neste corpo o excesso encontra formas de descarga, mas não necessariamente formas de elaboração. Na tentativa de se esquivar da própria angústia, muitas vezes o adolescente recorre a condutas que chocam, paralisam e provocam questionamentos, relegando ao outro o que evita reconhecer ou tem dificuldade de elaborar em si mesmo. Neste

sentido, pode-se pensar que, neste momento, o corpo evidencia as manifestações da mudança e das diferenças em relação à infância e, por esta lógica, constitui também um território privilegiado de expressão simbólica e de realização da temática inconsciente.

Para além desse embate singular que se passa em cada adolescente, um outro campo deve ser levado em conta se quisermos compreender o que se passa entre o adolescente e seu corpo, a saber, o campo social. Os dias atuais são caracterizados por intensas discussões ao redor de uma ressignificação do denominado *culto ao corpo* assim como de suas respectivas decorrências para a organização social e psíquica do indivíduo. Destaca-se, além deste ponto, uma inédita fabricação de artefatos, medicamentos e publicações destinados à majoração de uma saúde padronizada, aumento da sedução e da fruição das sensações que o corpo pode proporcionar. Entretanto, aponta Sant'Anna (1995):

[...] as liberdades adquiridas pelo corpo implicam necessariamente em novas responsabilidades assumidas. As formas de controle sobre o corpo, criadas com o apoio técnico e científico, ocorrem de modo paralelo a descoberta de novas coações a serem vividas, de novas zonas de descontrole, de mistério e de risco. (SANT'ANNA, 1995, p. 15)

Este crescente ímpeto de uma domesticação corporal requer uma ampla reflexão sobre as consequências desta normatização assim como acerca das repercussões psíquicas decorrentes de potenciais alterações na economia libidinal do sujeito contemporâneo. Estes fatores chamam ainda mais a atenção se pensarmos no crítico momento de reconhecimento corporal característico da adolescência, assim como seu intenso trabalho de elaboração psíquica e sua reestruturação egóica.

Diante deste cenário, a crescente adesão às marcas corporais pelos jovens chama a atenção para a questão do manejo do corpo na contemporaneidade. O corpo é espaço da indissociabilidade da biologia, das expressões psíquicas e da representação cultural de uma época e de um povo. Segundo Certeau (1982, apud SANT'ANNA, 1995, p. 12), “cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua. E, do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa.”¹ Como ressalta Sant'Anna (1995), o corpo é um objeto histórico por si mesmo:

Seu conhecimento é interminável tanto quanto são diversificadas as bases culturais que, da medicina à religião, passando pela filosofia e pela antropologia, o constituem e o transformam [...]. Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo. (SANT'ANNA, 1995, p. 12)

¹ M. CERTEAU, *Histoires du Corps. Esprit*, n.62, 1982.

Enquanto objeto histórico o corpo, assim como as experiências ligadas a ele, foram definidas e redefinidas ao longo de cada cultura, de acordo com a passagem do tempo. Como especificidade da contemporaneidade pode-se destacar o grande papel do corpo como representante emblemático do sujeito no mundo. Diante disso, torna-se uma preocupação constante moldá-lo, esculpi-lo, reconstruí-lo de forma a se extrair uma imagem ideal, eternamente perseguida. Nesta dinâmica as marcas corporais tem um importante lugar não somente neste apelo à imagem, mas também no registro da história deste sujeito mutante, submetido às leis da cultura.

A adolescência, enquanto momento de desacomodação de valores e reapropriação do corpo, desperta interesse para o lugar e o significado da adesão às marcas corporais ao longo do curso de sua vivência. A marca, que passa a ser simbolizada por uma inscrição concreta, na própria pele, adquire uma significação pessoal na dinâmica do crescimento, da emancipação e da entrada na comunidade social pelo indivíduo. Assim, ela agrega em seu conjunto de sentidos já dados de modo a priori na contemporaneidade, o entrelaçamento do significado singular atribuído à vivência da corporalidade.

Desta forma, a vivência individual e o circuito social atuam conjuntamente, não ficando restritos a um setor específico, mas sim interagindo no campo simbólico das significações e ressignificações empreendidas pelo adolescente. Assim sendo destaca Silva Junior (2009):

A imagem de um corpo ideal sugere o sujeito. A perspectiva de uma identificação a uma imagem totalizante, idealizada e controlada, está, aparentemente, na origem do tratamento que alguns de nossos contemporâneos, como resposta, impõem a seus corpos. As práticas de tatuagem, de escarificação dos corpos ou de body-art inscrevem-se como uma busca relacionada à constituição identitária de um corpo singular. As cirurgias estéticas e os retoques dos corpos investigam a conformidade social. (SILVA JUNIOR et al., 2009, p. 130)

Como sugere o autor, as formas de tratamento do corpo na atualidade dizem muito acerca do universo simbólico em que estas estão inseridas. A busca por uma pretensa singularidade aliada às imagens de corpos ideais oferecidas compulsivamente ao sujeito despertam um inevitável inconformismo em relação à própria imagem, nunca satisfatória. As práticas de marcação corporal integram este contexto cultural como uma oferta de uma marcação histórica neste corpo em constante transição, além de uma proposta de customização estética e narcísica aliada aos ditames culturais (SILVA, 2012). Esta crescente adesão às marcas corporais chama a atenção de forma especial quando localizadas ao longo da adolescência, momento de uma pulsante e enérgica reconstituição subjetiva.

Cabe não somente à psicanálise, assim como a outros saberes, refletir e dar ouvidos aos testemunhos inquietos desta juventude, que age também como porta-voz de um mal estar ao se encontrar diante dos chamados de seu próprio âmbito corporal e das invocações de uma sociedade que o sobrevaloriza, de modo a estar alerta aos limites desta normatização, assim como de suas repercussões psíquicas sobre o indivíduo contemporâneo.

Como continuidade, no próximo item serão apresentadas questões relativas às especificidades deste trabalho no desenvolvimento de suas questões centrais acerca de das funções do *piercing* e da tatuagem para o sujeito adolescente no contexto cultural contemporâneo.

Adolescência: uma proposta para pensar uma inquietação além de fronteiras

A circunscrição do tema da adolescência a que este trabalho se refere se aproxima da abordagem delimitada por Ruffino (1993, apud MATHEUS, 2002, p. 21)² que a define como trabalho psíquico que busca processar e assimilar a passagem do universo infantil para o adulto. Ao longo deste período, ressignificações são promovidas, mas não de uma forma regular e linear, mas sim com avanços e retrocessos, ganhos e perdas, prazer e dor. Esta é a exigência de um movimento contínuo de integração, que estabelece ligações entre o passado, o presente e o futuro. Justamente no entrelaçamento de referenciais passados a um tempo futuro é que se torna possível todo este trabalho psíquico de ressignificações. A partir disso, novos sentidos são atribuídos ao corpo em transformação, à relação com os amigos, à relação com os pais e às implicações sociais como um todo que envolvem estes temas.

Neste momento, o indivíduo se vê diante da necessidade de dar conta de uma revolução pulsional que eclode e este processo se torna ainda mais complexo quando contextualizado numa sociedade portadora de dispositivos sociais fragmentados e heterogêneos, característica dos dias atuais. Soma-se a este fator a sobrevalorização do estatuto do corpo enquanto forma maior de sustentação da presença, este que se torna suscetível a uma exploração e modificação constantes (LE BRETON, 2003). Por esta óptica, na medida em que os usos do corpo na contemporaneidade se tornaram um elemento constitutivo dos ideais culturais e de

² RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. R. (coord). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993.

ego, quais seriam as funções da tatuagem e do *piercing* para o sujeito adolescente?

Para pensar esta conjuntura, a proposta deste trabalho se direciona ao adolescente brasileiro, pertencente ao contexto globalizado contemporâneo. Considerando-se ainda que a adolescência pode representar um instrumento privilegiado para a observação de questões pertinentes à sociedade como um todo (MATHEUS, 2002) este trabalho convoca o olhar sobre a constituição subjetiva do sujeito enquanto tal, este atravessado por emergências suscitadas pela vivência inserida na cultura ocidental dos dias atuais.

Uma investigação direcionada às especificidades de classe social ou vivência de gênero particulares, por exemplo, nas quais determinados adolescentes instituem hábitos e imaginários, se torna um fértil campo para a continuação e aprofundamento deste trabalho. Este estudo não deixa de considerar a relevância da singularidade da produção de significantes a demandas culturais de acordo com o cotidiano de jovens de diferentes setores sociais, contudo, seu campo restringe-se a um âmbito imediatamente anterior. Este âmbito diz respeito a um momento constitutivo em sua natureza, no qual os indivíduos partilham os apelos de seus próprios corpos, diante uma cultura portadora de um complexo sistema de referências; perante a qual significa e é significado. Torna-se necessário destacar que os objetivos propostos se dirigem especialmente a pesquisa de funções e dinâmicas e menos ao fechamento de conclusões completas.

Ainda sobre o contexto cultural tratado, pode-se ressaltar que desde a Modernidade, com a consolidação da noção de indivíduo, estabeleceu-se um inédito parâmetro para a existência do homem: o dever da construção de si. Ao longo da Idade Média, por exemplo, esta determinação se constituiu a partir das leis de Deus e da igreja, situando o homem diante de seus direitos, deveres e de modo fundamental, diante de seu próprio destino. Na sociedade contemporânea, este aspecto advindo da Idade Moderna é acrescido ainda de um importante fator: a construção de si passa a ser permeada por vias corporais, sendo que o corpo se torna portador de um lugar fundamental de alojamento subjetivo e estabelecimento do indivíduo na configuração social contemporânea.

No interior desta conjuntura, neste dilema da auto-constituição, o mercado oferta soluções padronizadas, uma espécie de *fast-food* para este desalojamento subjetivo. As marcas corporais, como as tatuagens e os *piercings* participariam desta lógica, como uma auto-determinação já domesticada, transpassada por vias corporais. Diante desta configuração, como os adolescentes - já situados em um crítico momento de reconstituição corporal e subjetiva - tem gerido este ideário fundamental da construção de si por vias corporais? E qual

o papel das marcas corporais nesta dinâmica específica?

Participam destas questões a temática da narração histórica do sujeito, elemento este diretamente influenciado pelo estatuto do corpo na contemporaneidade. Nesta dinâmica, como será desenvolvido ao longo dos capítulos, as marcas corporais encontrarão seu espaço privilegiado, emblematicamente entre os adolescentes, mas também em todas as outras faixas etárias. Para retomar um ponto indicado anteriormente: por que os adolescentes foram escolhidos como alvo em meio a esta ampla problemática?

Os adolescentes são os que, na contemporaneidade, são mais implicados na condição de sujeitos desalojados de suas formas tradicionais de mediação simbólica. Por conta da suspensão de seu lugar previamente estabelecido da infância - suspensão esta que circunscreve a própria adolescência - estes são mais suscetíveis às ressignificações sociais, constituindo uma espécie de vanguarda que testemunha com nitidez e contundência, através de seus atos, mal estares e inquietações uma sociedade e seus valores.

Trata-se de um momento em que o orgânico e o corporal são fatores intrínsecos ao processo, especialmente em sua articulação com elementos socioculturais. Segundo Levisky (1998), “ [...] as características psicológicas deste movimento evolutivo, sua expressividade e manifestações ao nível do comportamento e da adaptação social, são dependentes da cultura e da sociedade em que o processo se desenvolve”.

Por se tratar de um momento de passagem, característico por seu processo reestruturante da personalidade, a adolescência, para vários autores, se tornou ícone da expressão de aspectos da cultura na qual se insere, de maneira que sua inquietação ou sua tentativa de elaboração podem sinalizar conflitos ou tensões inerentes ao universo em que habita. As manifestações do indivíduo adolescente estão em sintonia com os traços de sua sociedade e esta, por sua vez, imprime a marca de suas contradições em sua subjetividade em revolução. Diante de tal mecanismo, o sujeito ao mesmo tempo em que se encontra numa privilegiada posição de identificação, também é imperativamente convocado a um posicionamento perante as contradições inerentes ao laço social.

Neste contexto, diante dos valores culturais de uma sociedade, o adolescente entra em cena como aquele que põe em cheque o estabelecido, instalando o desalojamento e plantando o incômodo em relações instituídas. Como decorrência deste estado, muito se produz acerca deste discurso inquietante, seja na forma de resistência a ele, de questionamentos provocadores, críticas dirigidas aos rótulos da ‘geração’ ou mesmo tentativas de realizar sua

‘inscrição’ justificando-se perante uma teia simbólica em questão.

Visando esta diversidade de abordagens possíveis no que diz respeito ao estudo da adolescência e do sujeito adolescente, diante de um discurso que dá margem para diversos olhares, interpretações e inquietações, procurou-se ao longo da realização deste trabalho estabelecer um espaço de interlocução amplo. Nesta conjuntura, a psicanálise figurará enquanto referencial³, mas também se destacarão áreas que trouxeram preciosas contribuições para a compreensão do tema, como é o caso da história, da sociologia e da antropologia. Como ressalta Matheus (2007), pensando acerca da discussão sobre o tema da adolescência: “Parece necessário, em contrapartida, ir aquém e além da psicanálise, a fim de voltar a ela e poder destacar aquilo que ali parece abafado, mas não menos presente, sobretudo quando se pensa na chamada *passagem adolescente*”.

No entanto, ao longo deste percurso tornou-se evidente que a relação entre a psicanálise e outras áreas do saber nem sempre resulta em vínculos harmônicos, mas nem por isso esta tensão se torna estéril. Este trabalho se localiza, como enfatiza Matheus (2002), “no reconhecimento da tradição de uma psicanálise que não se propõe como conhecimento unívoco”. A identificação das contraposições enriquece o conhecimento produzido, mesmo quando estas resultam em embates categóricos e insolúveis. A reflexão rigorosa sobre estes pontos pode ser frutífera para o estabelecimento de diversas formas de se pensar determinada configuração histórica e social, estabelecendo-se um diálogo que exclui uma hierarquização de saberes. Entretanto, adquire equivalente relevância, um trabalho cuidadoso de leitura e estudo das disciplinas, para não se enredar nas tramas de um ecletismo ou relativismo arriscados que podem conduzir o trabalho a conclusões supérfluas e, por vezes, contraditórias.

Deste modo, ao longo deste trabalho, diante de uma proposta de leitura de uma dimensão histórico-social que se revela subjetiva e humanamente restrita em sua delimitação, optou-se por uma interlocução entre saberes distintos como forma de esclarecer vieses e imprecisões. Através deste olhar sobre a complexa relação indivíduo-sociedade, a própria psicanálise se debruça sobre seus limites e pode se reconhecer, também, como incompleta através das tensões estabelecidas.

³ Na utilização deste referencial psicanalítico serão utilizadas, sobretudo, as obras de S.Freud e de autores que as tomam como base de suas discussões.

Especificidades do estudo e utilização dos recortes clínicos

A seguinte proposta de dissertação se instaurou a partir de um conjunto de pesquisas que foram orientadas pelo Prof. Dr. Nelson da Silva Junior, sendo estas articuladas a um quadro de cooperação internacional através do projeto: “*Estudo comparativo internacional das marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo. Funções das tatuagens e escarificações na economia psíquica dos jovens adultos: gênese, relação aos corpos, solução subjetiva*”⁴. Este trabalho foi precedido por uma pesquisa de iniciação científica - também realizada em função deste quadro específico de pesquisas - intitulado: “*Adolescência e marcas corporais auto-infligidas no contexto social contemporâneo*”,⁵ através qual foi possibilitado o desenvolvimento inicial das questões aqui apresentadas.

Neste estudo foram realizadas uma série de entrevistas, cujo tema compreendeu o uso de marcas corporais. Ao longo da dissertação serão apresentadas vinhetas de quatro entrevistas de jovens adultos, escolhidas no contexto deste estudo, que realizaram tatuagens e/ou *piercings* ao longo de sua adolescência. Os sujeitos, dois do sexo feminino e dois do masculino, são apresentados da seguinte forma neste trabalho: Adriano, primeira tatuagem aos 18 anos (24 anos na data da entrevista), Taís, primeira tatuagem aos 18 anos (24 anos na data da entrevista), Janaína, primeiro *piercing* aos 16 anos (19 anos na data da entrevista) e Daniel, primeira tatuagem aos 17 anos e primeiro *piercing* aos 15 anos (23 anos na data da entrevista).

Neste trabalho não será realizada uma análise sistemática do conteúdo dos discursos, mas será promovida uma ilustração através de recortes clínicos, que enriquecerá as temáticas da discussão central acerca das funções das tatuagens e *piercings* para o sujeito adolescente. Este material foi revisitado em suas inúmeras nuances e, neste momento, através de flashes participa da argumentação deste mestrado agindo no sentido de uma elucidação da multiplicidade de sentidos sobrepostos, considerando-se as diferenças de cada história e pensando cada modificação corporal enquanto marcas de uma inscrição simbólica, de pertencimento social e também da construção de singularidade subjetiva no contexto da cultural atual.

⁴ Projeto este promovido no quadro de cooperação internacional estabelecida com o *Laboratoire de Psychopathologie et Clinique Psychanalytique*, da Université Rennes 2, França, através do Professor Alain Abelhauser, diretor do laboratoire e dos Maîtres de Conférences en Psychopathologie Caroline Doucet e Jean-Luc Gaspard, pesquisadores do mesmo. Tal pesquisa internacional contou com o auxílio do Programa CAPES/COFECUB (Processo número 609/08).

⁵ Este projeto contou com financiamento FAPESP (Processo número 07/58950-3).

Estes trechos permitirão ilustrar algumas questões intrínsecas ao tema, à maneira de uma metáfora, envolvendo a complexidade das vertentes deste trabalho, mas não descartando o conseqüente excesso de significação que compete ao tema. O trabalho se realizará em torno das tensões, das conflitivas, da dialética, tanto do sujeito enquanto autor de sua história de vida, quanto do espelho simultâneo da cena social habitada.

As marcas corporais neste trabalho: tatuagens e *piercing*s

Nesta dissertação, em meio ao universo de práticas das marcas corporais, foram escolhidas a tatuagem e o *piercing*. Opções mais adotadas entre os sujeitos de várias faixas etárias, como representam os números do setor⁶, a tatuagem e o *piercing* cristalizam esta forma normatizada de busca por uma pretensa singularidade, integrante desta proposta de customização do corpo na sociedade contemporânea. Nas palavras de Lírio (2010, p. 42):

Portanto, é indiscutível o crescimento na importância do caráter estético das modificações corporais. Atualmente, milhares de pessoas sem qualquer identificação profunda com o seu sentido histórico podem estar interessadas apenas em um aumento de beleza, via um *piercing* delicado no nariz ou uma pequena tatuagem na panturrilha.

Como diferença evidente em relação à tatuagem, a mudança e a possibilidade de variabilidade radical que o *piercing* oferece a seus adeptos podem ser apontadas: estes podem ser feitos, desfeitos, substituídos ou modificados com mais facilidade que as tatuagens. Silva (2012) ressalta, no entanto, uma relevante questão para este trabalho: o *piercing* é a porta de entrada para o campo das modificações corporais, frequentemente a primeira intervenção realizada entre os adolescentes, justamente pela possibilidade de reversibilidade. Este se torna então um importante ponto para o estudo da função das marcas corporais para o sujeito adolescente.

O *piercing* representa - de uma forma ainda mais aguda que a tatuagem- as possibilidades de manejo do corpo na contemporaneidade, como sugere a citação de Lírio, de acordo com uma estética corporal que mais favoreça os ditames culturais circundantes. Destaca a intencionalidade de moldar a presença por vias corporais assim como o desejo de

⁶ Segundo dados do sindicato dos tatuadores de São Paulo: último levantamento realizado em 2006 indica que existem no Brasil mais de 183 mil estúdios de tatuagem e *piercing*, entre legais e ilegais. Nesses locais trabalhavam cerca de 367 mil tatuadores e 170 mil piercers. Através destes mesmos dados, estima-se que por volta de 25 milhões de pessoas já realizaram ao menos uma tatuagem ou *piercing*. (SINDICATO DOS TATUADORES DE SÃO PAULO)

fixação da experiência histórica de uma forma bastante semelhante à adesão à tatuagem, por este ponto de vista.

Enquanto uma forma de intervenção direta na pele, com a adição de um elemento externo, no caso do *piercing* ou como forma figurativa na fixação de um elemento simbólico, no caso da tatuagem, estas duas modalidades de marcação corporal foram consideradas relevantes e complementares para a construção deste trabalho, especialmente quando correlacionadas ao controle da imagem através de uma estética de contínuas modificações corporais.

Sobre os capítulos desta dissertação

A organização dos capítulos deste trabalho se justifica a partir de seu desenvolvimento ao redor de três vertentes principais: adolescência, corpo e marcas corporais. As marcas corporais são apresentadas no primeiro capítulo como um instrumento de articulação essencial entre estes pontos. Na investigação acerca do tema das marcas corporais e da vivência da adolescência na atualidade torna-se necessário também uma reflexão acerca do estatuto do corpo em voga e suas funções para a constituição subjetiva. Nesta conjuntura, a problemática da intersecção entre sujeito e meio social remete finalmente à discussão acerca dos ideais, privilegiada ao longo do terceiro capítulo. Ideais culturais e ideais de ego serão peças fundamentais desta argumentação. Esse será o percurso realizado ao longo dos capítulos desta dissertação. Mais detalhes a seguir:

No primeiro capítulo o tema das marcas corporais será desenvolvido através de uma breve revisão bibliográfica, sua contextualização histórica e sua intersecção com o tema dos usos do corpo na atualidade. Estes pontos serão ainda tratados a partir de seu entrelaçamento com a questão adolescente. Através deste capítulo pretende-se apontar direções para a compreensão da crescente adesão às marcas corporais pelo sujeito adolescente.

No segundo capítulo o tema corpo em sua relação com a constituição subjetiva contemporânea será tratado. A problemática de como o corpo se tornou o principal representante na construção de uma imagem de si como principal forma de representação do eu, permeará o percurso teórico. O atravessamento pelas formas de consumo e pela

necessidade latente de adaptação às demandas culturais também farão parte desta argumentação.

O terceiro e último capítulo será dedicado à discussão acerca do estatuto da adolescência na sociedade contemporânea enquanto fenômeno cultural datado historicamente. Este ponto agirá como contribuição para a reflexão acerca de seu lugar na cultura contemporânea. Uma contextualização do tema na obra freudiana também fará parte deste argumento central. Como sequência a temática dos ideais será abordada, com destaque para a interdependência entre os ideais de ego e os ideais culturais, apresentando-se ainda sob esta óptica a intersecção entre a temática da adolescência e a corporalidade contemporânea; no interior deste contexto as marcas corporais serão destacadas.

CAPÍTULO 1:
MARCAS CORPORAIS: A TATUAGEM, O PIERCING E SUA
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

1. MARCAS CORPORAIS: A TATUAGEM, O PIERCING E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

“Desde os mais remotos tempos vêmo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, meio de assustar o adversário para os bretões, marca de uma classe para selvagens das ilhas Marquesas, vestimenta moralizadora para os íncolas da Oceania, sinal de amor, de desprezo, de ódio, bárbara tortura do Oriente, baixa usança do Ocidente. Na Nova Zelândia é um enfeite; a Inglaterra universaliza o adorno dos selvagens que colhem o phormium tenax para lhe aumentar a renda, e Eduardo com a âncora e o dragão no braço esquerdo é só por si um problema de psicologia e de atavismo.”
João do Rio, 1908.

Este capítulo apresentará um breve percurso bibliográfico acerca do tema das marcas corporais, sua contextualização histórica e sua relação com a corporalidade contemporânea. As práticas de tatuagem e *piercing* serão abordadas enquanto fenômenos sociais de marcação do corpo que são permeados pelos ideais culturais contemporâneos e serão observados a partir de seu entrelaçamento com a questão adolescente. Através deste capítulo pretende-se apontar direções para a compreensão da crescente adesão às marcas corporais pelo sujeito adolescente. Objetiva também iniciar uma reflexão (que será desenvolvida no capítulo 2) acerca do papel do corpo para a narração histórica do sujeito, visto que este elemento tornou-se central na problemática da constituição subjetiva contemporânea.

Como ilustra a epígrafe acima, a história das práticas de marcação corporal tem origens remotas no percurso da humanidade, colocando em evidência uma representação concreta das inúmeras formas de usos do corpo ao longo de diferentes séculos. Inicialmente observada sobretudo em tribos aborígenes em longínquas ilhas do Pacífico, essas práticas foram introduzidas no Ocidente com a marca do exotismo, por intermédio de viajantes e marinheiros durante o século XVIII (PÉREZ, 2006). Ao longo do século XIX e início do século XX, o uso da tatuagem, especificamente, passou a ser caracterizado por sua vinculação a setores econômico e socialmente marginalizados da sociedade, como é o caso de presidiários, prostitutas, soldados e trabalhadores do cais. Neste período as primeiras produções literárias que abordam o tema da tatuagem na sociedade da época, estão

correlacionados a estudos de medicina criminalística, como é o caso das obras de Lombroso⁷ e Lacassagne.⁸

Entre os anos de 1950 e 1960 do século XX, ocorreu uma primeira transformação no sentido do uso das marcas corporais. Estas passaram a se constituir como um emblema de tempestuosos grupos de contestação, como o movimento *hippie* e, mais tarde, o movimento *punk* (LE BRETON, 2002). No movimento *hippie*, ao longo da década de 1960, as marcas corporais se tornaram um elemento de uma ampla proposta que diz respeito à revolução sexual e às novas concepções e experiências ligadas a corporalidade.

De forma totalmente distinta os punks do início dos anos 1970 se apropriam do uso das marcas corporais. Este movimento ganhou espaço na cena social através do estilo musical característico e por seu desejo indistinto de ruptura com os ditames culturais estabelecidos. Sobre o emprego das marcas corporais pelos *punks* salienta Silva (2012):

Pele, lábios, orelhas, nariz e braços ostentam, insolentes, alfinetes de fraldas, lâminas de barbear e queimaduras de cigarro. Os *punks* se furam com pregos, tatuam uma miríade de símbolos heteróclitos, religiosos, nazistas, comunistas, símbolos fragmentados e sem sentido. (SILVA, 2012, p. 13)

Como bem ilustra a citação, os *punks* chamaram a atenção por sua agressividade e violência concreta e também simbólica que se expressava exemplarmente através de sua relação com o corpo: corpos marcados, queimados, mutilados, com repulsa a qualquer manifestação estética. Anos depois, na década de 1980, o futuro do movimento *punk* se concretizou através de sua própria dissolução na cultura, transformando-se em signo de decadência e vazia repetição enquanto conduta ou símbolo de consumo a partir da comercialização de produtos voltados ao mercado do luxo e da moda (LÍRIO, 2010). Através destes ainda, as práticas de *piercing* alcançaram grande difusão social. Ao final, os *punks* diluíram-se no mesmo meio do qual lutavam por se diferenciar.

Diversas tribos urbanas também aderiram às modificações corporais e passaram a estampar suas marcas características: roqueiros e motoqueiros são um exemplo desta adesão. Inicialmente vinculada à uma ação simbólica de rompimento com as regras sociais estabelecidas, a prática das marcas corporais nas décadas de 1950 e 1960 manifestava o desejo de sujeitos de situarem-se deliberadamente à margem da sociedade. Neste momento, portanto, a exclusão econômica primordial, presente no século XIX e início do XX, deixa de

⁷ LOMBROSO, Cesare. *L'homme criminel, criminel-né, fou moral, épileptique: étude anthropologique et médico-légale*. Paris: F.Alcan, 1887.

⁸ LACASSAGNE, A. *Tatouages, étude anthropologique et médico-légale*. Paris, Baillièrre, 1881.

ser um preceito organizador, para ceder espaço à ideia do protesto: propostas políticas, éticas e estéticas que se opõem à ordem social estabelecida (LEITÃO, 2004).

Nos dias de hoje o uso das marcas corporais distancia-se muito das formas ancestrais de inscrição. Das experiências primitivas, os únicos resquícios são os traços estéticos dos desenhos em referência à sua cultura originária. Estes traços podem ser conferidos nos diferentes estilos de tatuagem por exemplo: maori, oriental, americana; estilos esses que se tornaram um diferencial para seu novo mercado (SILVA, 2012, p. 12). Grandes diferenças em relação a prática das décadas de 1950, 60 e 70 também podem ser apontadas: não se trata do uso do corpo para qualquer forma de experimentação, reivindicação ou rompimento com condições presentes na cena social.

Segundo Pérez (2006), o ideário correlacionado às marcas corporais sofreu uma reformulação decisiva em seu sentido a partir da década de oitenta. Esta mudança pode ser verificada através de elementos concretos, como é o caso da profissionalização de seus praticantes, da padronização da técnica e do estabelecimento de lojas exclusivas, dotadas de equipamentos especializados, materiais descartáveis e diferentes meios de promoção e propaganda, dentre eles a própria mídia.

Permeando as transformações concretas na prática de marcas corporais, substancialmente, ocorreu uma subversão do status social e cultural que caracterizavam o seu exercício. Essa mudança radical foi motivada por três componentes essenciais. A primeira delas foi o tipo de adepto, antes pertencente a setores delimitados, símbolo de uma subversão real; nos dias atuais seus adeptos não possuem distinção social ou econômica precisas. A segunda trata-se do perfil do tatuador; antes amador e com práticas determinadas por seu meio e ocasião, agora passa a ser legitimado por meio de um aprendizado profissional, cercado de todas as garantias de higiene e técnicas padronizadas. Por fim, a terceira diz respeito ao caráter da tatuagem que passa do status de marca ou estigma social, para obra artística, marca do desejo de singularização e construção do sujeito na contemporaneidade.

Em seu regresso, as modificações corporais, como as tatuagens e os *piercings*, ressurgiram intrinsecamente associadas a novas formas de exercício da sexualidade, à cultura de massa e à institucionalização de uma nova técnica. Uma combinação estável que remete a um grande produto em potencial. A proposta de *customização do próprio corpo* (SILVA, 2012, p. 14) vem de encontro a anseios culturais de uma sociedade que elegeu a corporalidade como local de obtenção de respostas, registro de experiências.

Esta suposta ressemantização das práticas de marcação corporal, contudo, não é um processo linear e simples, mas sim permeada por tensões e contradições. Nesta incorporação em um universo socialmente oportuno há uma dimensão que concerne uma série de filtros e censuras. Há interdições em relação à locais do corpo; desenhos, no caso das tatuagens e formatos de jóias, no caso dos *piercings*. Indissociavelmente, de acordo com Pérez (2006), a decisão sobre a imagem e o lugar do corporal se mostra articulada a questões de gênero, identidade sexual e à figura do tatuador. Estas normas, que balizam uma adequação a padrões estéticos específicos, acabam por revelar, na conjuntura de suas brechas, o anseio por um fragmento de originalidade do sujeito, que escreve sua história muitas vezes através de uma negociação com imperativos culturais estritos.

Como efeito destas condições, um novo e promissor produto se introduziu ao mercado, "embebido em uma aura de primitivismo, rebeldia, hedonismo, criação *estável e autêntica* como uma *revolução nascida nas ruas*" (SILVA, 2012, p. 15). Se torna importante enfatizar que as práticas de marcação corporal contextualizadas nos anos 1950, 60 e 70 indicavam uma busca de dissolução e elaboração das limitações sociais, sexuais e corporais da época. Entretanto, as marcas na contemporaneidade, sobretudo na adolescência, apontam para a paradoxal busca do sujeito por uma singularidade através de meios genéricos, remetendo à conjuntura simbólica interna à dinâmica dos ideais culturais (ver capítulo 3).

Através do ingresso dessas práticas no mundo do mercado há uma tendência acentuada da cooptação das particularidades do portador de marcas corporais. O critério universal do consumo tem em vista justamente o desejo de particularidade e singularidade do sujeito consumidor. As práticas então, deixam de ser vivenciadas como formas isoladas de transgressão, para tornarem-se visíveis e coletivamente incorporadas.

Esta ressignificação da marca e do seu portador se apóiam sobre características centrais da cultura ocidental contemporânea, como a nova visão acerca das práticas de cuidados com o corpo; e de valores como a autodisciplina, autocontrole e autonomia sobre a anatomia, que destaca o corpo como superfície maleável e moldável segundo os interesses do momento (LEITÃO, 2004). Sinaliza também a valorização da subjetividade, da singularização e das diferenças individuais como elementos que balizam uma problemática inserção num tecido social e cultural complexo, característico dos dias atuais.

Este suposto investimento numa aparência física ideal pode ser destacado como uma promessa de inclusão no laço social a ser sustentada a duras penas. Neste corpo planejado, reestruturado e, sobretudo, garantia da satisfação, do prazer e da certeza de "estar vivo" nos

dias atuais, as tatuagens e *piercings* compõem elementos que se constituem como frágil sinal de permanência no interior de um cenário instável e remodelável, que se compõe e se desfaz ao longo das cenas de cada história.

A marcação na pele remete a uma ideia de permanência, de um caráter perene em meio a possibilidades de vivência corporal conturbadas e percebidas como efêmeras, sujeitas a constantes mudanças, como o temido envelhecimento e a inevitável morte. Marcador estético contra a efemeridade da cultura, dos valores de uma sociedade e da própria vida.

1.1 Marcas corporais e corpo na contemporaneidade

No interior deste contexto de difusão das marcas corporais, novas formas de conceber o corpo foram instauradas. Estas, segundo Le Breton (1995), partiriam de um pressuposto “do corpo como obra-prima de construção do sujeito e aberto a transformações”. Conseqüentemente, as marcas corporais, especialmente tatuagens e *piercings*, tornaram-se uma das opções de modificação corporal mais procuradas pelas novas gerações.

A explosão da adesão às marcas corporais pode ser facilmente observável nos dias atuais: propagandas, arte, publicações especializadas, programas de televisão, sites na internet. Não se trata de um fenômeno restrito a comunidades, classes sociais, econômicas ou faixa etária. Das diminutas jóias de certos tipos de *piercing* e das delicadas figuras de algumas tatuagens às intervenções mais radicais e numerosas, estabelece-se uma nova forma de apresentar-se ao mundo que convoca o olhar, o afeto e o pensamento (SILVA, 2012, p. 19). As marcas comportam um apelo que se dá de um corpo para outro, numa afetação instantânea. O exercício da corporalidade conduz os sujeitos - observador e observado - ao intrincamento das dimensões da experiência subjetiva, numa relação empática e especular.

Assim relata Janaína sobre sua experiência:

É que assim, eu não sei, mas marcas corporais você faz pra você mas ao mesmo tempo faz também pros outros assim, você nunca faz só pra você. E mesmo quando você faz num lugar que não dá pra ver, eu acho que você ainda faz pros outros assim sabe? Não sei. Então, é e não é mas... sei lá, quando eu não me importo que as pessoas vejam que eu tenho (piercing) no septo assim eu deixo pra fora assim. É que dá pra guardar né? É só por pra dentro que não dá pra ver. Ai quando eu não quero, aí eu escondo assim. Então é meio que um pouco pros outros né? Quando eu não me importo eu deixo os outros verem, quando eu não quero não deixo ver.” (Janaína, primeiro piercing aos 16 anos)

Neste momento, a marca que já habita o corpo adquire seu registro quando ratificado pelo olhar externo e a referência à alteridade está presente mesmo quando a marca não é exibida. Sendo assim, através da narrativa de Janaína, pode-se apontar o surgimento de uma "potência moldável" do portador da marca que ergue-se diante do olhar do outro.

Na contemporaneidade, o corpo se tornou local de obtenção de respostas para enigmas fundamentais do ser humano e, especialmente para os adolescentes, as marcas corporais se constituíram um importante componente organizador de sua passagem para a fase adulta. Nesta dinâmica estas podem significar uma via de inserção e um elemento da construção de uma nova subjetividade individual e social.

Estes parâmetros da contemporaneidade no que dizem respeito a esta "*onipresença inquestionada do corpo*", desta recomposição do corpo no interior dos ideais da cultura, se refletem também em diversas áreas do conhecimento. De acordo com Silva (2012, p. 45-46), em sociologia pode-se encontrar o corpo matéria prima, moldável pela cultura, pela religião, pela tradição, fatores estes determinantes de pertencimento ou exclusão. Em antropologia, uma das formas mais primitivas da diferenciação entre natureza e cultura aponta para a transformação das bordas corporais⁹. Na psicanálise o corpo se apresenta como construção constante, sujeito à fundamentais ressignificações¹⁰.

Representante de um ideal de perfeição que se busca incansavelmente alcançar, o corpo se torna hiperinvestido e frequentemente é apontado como fonte de frustração, constituindo-se meio privilegiado de expressão do mal-estar contemporâneo. Para os adolescentes que estão diante de um cenário de incertezas e angústias do tornar-se adulto e estabelecer balizas morais e subjetivas diante de um quadro de fragilidade simbólica, o corpo torna-se vivo instrumento de expressão de reflexos de referências culturais.

Uma destas referências interpretadas pelos jovens trata-se do desejo por singularidade, este traduzido pela adesão às marcas corporais. De acordo com Le Breton (2002), como decorrência de uma voraz lógica de consumo, a busca de diferenciação se une ao desejo de obtenção de sinais duradouros por meio de produtos que possam garantir qualquer traço reassegurador, espaço este ocupado de forma exemplar pela tatuagem e pelo *piercing*.

⁹ Como referências relevantes acerca da sócio-antropologia do corpo conferir: LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis : Editora Vozes, 2006; LE BRETON. *Antropologia del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

¹⁰ Conferir: Fernandes, M. H. *Corpo*. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

Neste processo, a superfície a ser trabalhada não poderia ser mais emblemática: a pele. Fronteira simbólica que possibilita trânsitos e deslocamentos entre o âmbito interno psíquico e o âmbito externo sociocultural, estes mesmos entrelaçados e autodeterminados em sua essência. Sobre este ponto destaca Le Breton:

A pele envolve o corpo, os próprios limites, estabelece a fronteira entre o dentro e o fora de maneira vívida, porosa, pois ela também é uma abertura para o mundo, uma memória viva. É um termômetro do gosto pela vida. Ela envolve e incorpora a pessoa distinguindo-a dos demais. É uma tela onde projetamos uma identidade sonhada, como no caso da tatuagem, do *piercing* ou das inúmeras maneiras de encenar a aparência que regem as nossas sociedades. (LE BRETON, 2010, p. 26)

Ocupando a pele, zona limiar do eu, a marca é uma modificação intencional no estatuto do corpo que visa uma moldagem da presença e da aparência, mas que também demanda um complexo processo de apropriação subjetiva. A integração imediata à pele e a transformação súbita da imagem corporal demandam ao sujeito um trabalho de ressignificação da corporalidade e do papel desta em sua história.

Esta questão ganha destaque especialmente quando referido ao sujeito adolescente, que neste momento lida com um corpo repleto de elementos estrangeiros provenientes do período pubertário e de uma cultura que o sobrevaloriza. O investimento no corpo, legitimado no ato da execução da marca corporal, proporciona uma perspectiva temporal na assunção da marca, referências para o cuidado de si através de sua escolha e um redimensionamento da importância do olhar externo, desenhando novas fronteiras para o limite eu/outro.

Para Reisfeld (2006, p. 95), o corpo faz parte um discurso social que nos integra a um imaginário coletivo. Consequentemente, a tatuagem e o *piercing* são correspondentes culturais que remetem à valorização de um corpo-imagem enquanto via de transformação da matéria-prima simbólica ligada a novas possibilidades de consumo. Ainda sobre a difusão das marcas corporais na cultura ocidental contemporânea enfatiza Silva (2012, p. 47): "Sua proliferação é sobretudo massificação de uma técnica em uma época em que o impacto visual, o cuidado e a modificação da imagem adquirem suma importância."

Neste âmbito cultural as subjetividades contemporâneas refletem persistentes vestígios de uma construção de si como produto, processo este baseado em uma lógica do consumo e do *marketing*. Através de um complexo universo virtual em que as redes sociais tem grande destaque, o imperativo da exposição constante se revela enquanto uma tendência exacerbada que encontrará sua reverberação especialmente na dimensão corporal. Aspectos correlacionados à denominada *sociedade do espetáculo* (DÉBORD, 1967) participam fundamentalmente da constituição do sujeito e um ato como a tatuagem ou o *piercing* contém

o aspecto do descentramento do ser em direção ao exibir, exibição esta que possui certa autonomia frente à representação do sujeito, numa exemplar encenação da *espetacularização de si*.

Nesta dinâmica, o corpo agirá como suporte e através dele "os sujeitos divulgam, expõem, registram, avaliam, comparam, pontuam a passagem do tempo" (SILVA, 2012). Registros difusos em seu campo de experiência encontram local de ancoragem, sinalizam o registro de uma história. Neste contexto, se as marcas corporais indicam uma concessão do âmbito corporal ao apelo da imagem, estas também evidenciam o papel do corpo frente à tendência da virtualização da construção da história do sujeito.

1.2 Marcas corporais e reconstituição subjetiva na adolescência

Na atualidade, o novo sujeito portador das tatuagens e *piercings* não possui um perfil distinto. É múltiplo, diverso, não tem fronteiras de sexo, percorre as diferentes gerações, transita por todas as classes sociais, pertence a distintos níveis educativos, deixando, portanto, sua característica de ser uma marca específica de certo grupo social como foi no passado. Assim ressalta Pérez (2006) acerca da prática da tatuagem:

Ainda que perdesse simbolicamente o sentido de gueto que identificava a tatuagem com os setores marginais, rebeldes ou de classe baixa, já se quebraram na prática esses limites sociais, especialmente desde o seu ingresso no mundo do mercado, quando se tornou uma das opções estético-corporais acessíveis aos distintos públicos. (PÉREZ, 2006, p. 186)

Estas práticas de marcação corporal possuem uma característica central de inscrição dos corpos individuais no corpo social seja, por exemplo, através de uma expressão dos fenômenos de moda ou aproximação visual a grupos ou 'tribos' contemporâneas. Esta escolha e este ato tratam-se de um tema de interesse para a pesquisa de base psicanalítica no que concerne às suas funções para a economia psíquica, com destaque para a dinâmica interna do sujeito adolescente em seu momento de reestruturação.

A adolescência na atualidade trata-se de um momento em que o esforço pelo distanciamento do discurso parental conduz o sujeito a se deparar com a oferta de referenciais identificatórios propostos pela cultura. Neste ponto de cruzamento da rede de relações sociais em que se encontra, o adolescente torna-se particularmente permeável à novos valores

norteadores, em especial aqueles compartilhados por seus pares de geração, ainda que a reedição dos modelos familiares não possa ser ignorada.

Neste contexto do dilema do remanejamento simbólico Adriano expressa:

Eu cresci ouvindo muito rap assim. Ouvindo rap e samba também, então, eu... desde então, desde a adolescência, eu sempre... eu escutava basicamente só rap e eu queria ter um grupo de rap, eu tive um grupo de rap.[...]. E gostava de ir na galeria... gostava assim, gostava de ir na galeria pra ficar comprando as roupas que eu achava que eu tinha...aquela coisa doida. Voltando a idéia da identificação de novo. Por que assim: você quer parecer, você quer se identificar com o seu grupo, então você tem... é as vezes eu tenho ainda os resquícios dessa época. [...] Então assim, existe uma identificação forte também aí que ficou. Mais assim eu gosto mais por causa do hip hop. (Adriano, primeira tatuagem aos 18 anos)

Este trecho chama a atenção para o ato de reconstituição dos processos identificatórios do sujeito por meio de elementos pertencentes ao meio cultural. Contudo, o conjunto confuso de conexões ecoam num processo rarefeito, vago. Na repetição habitam *signos esvaziados*¹¹: a música, o grupo, os amigos, emblemas perdidos na circularidade do discurso. As marcas da hesitação que habitam a narrativa apontam para um desejo de pertencimento atravessado ainda pelo imperativo do consumo que se instala e se perpetua para um além da adolescência.

Neste horizonte de inconstâncias, a disseminação generalizada das marcas corporais entre os jovens pode destacar transformações na expressão dos conflitos, desejos e angústias, indicando o papel do corpo enquanto garantia, suporte para elaboração e forma de fixar a experiência então rarefeita, ausente de instâncias legitimadoras.

Ao longo da adolescência, em um ato de reconhecimento do sujeito em relação ao seu próprio corpo, encaminhando à sua maneira a elaboração psíquica dos excessos que o envolvem, as marcas corporais podem ser compreendidas como um ato concreto de apropriação traçado em sua própria pele. Sobre este ponto ressalta Fernandes (2007b):

A passagem de uma etapa da vida parece assim ser marcada, em muitas culturas, pelo sacrifício do corpo, como se a ascensão a uma nova identidade exigisse, para poder ser simbolizada, sua inscrição corporal como marca da diferença entre a situação anterior e a atual. Marca cravada no corpo, podendo ser vista por todos - prova irrefutável da morte da identidade anterior. Não poderíamos aí ver o sentido ritualístico dos piercings e tatuagens, orgulhosamente ostentados por nossos jovens de hoje? (FERNANDES, 2007b, p. 228)

Atualmente, pode-se assinalar uma fragilização da legitimidade dos rituais na cultura atual, assim como de seus valores de sustentação no corpo social¹². A carência de dispositivos

¹¹ Conferir discussão em Silva, G. F. (2012, p. 9).

¹² Sobre a questão da fragilização dos rituais na cultura contemporânea e suas decorrências para a adolescência na contemporaneidade conferir: CAHN, R. *O adolescente na psicanálise: a aventura da subjetivação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999; KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.;

societários que possam promover esta passagem entre o universo infantil e mundo adulto indicam uma possibilidade de compreensão para a atual configuração da adolescência e seu respectivo trabalho psíquico¹³, inclusive com seu conseqüente aumento de duração cronológica. A estes pontos podem ser acrescentados a presença ideais culturais que tendem a favorecer a significação da experiência subjetiva através do desejo pela individualização, especialmente no que diz respeito aos usos do corpo. Neste contexto as marcas corporais tem seu espaço para o jovem: ato que finaliza o ciclo infantil e inaugura através de vias corporais sua nova inserção no círculo social.

A marcação, muitas vezes símbolo de atividade e ânsia de independência, remonta também a uma fantasia que traz resquícios de épocas anteriores: a confiança e a entrega a uma autoridade corporificada, que neste momento, marca a pele do jovem, remetendo a uma espécie de ritual de passagem no reconhecimento corporal que abre caminho para o assumir da condição adulta.

Esta adesão poderia ser pensada, nesse sentido, a partir de uma tentativa de reapropriação da historicidade do próprio corpo enquanto uma tentativa de reestabelecer o equilíbrio da economia psíquica. A partir deste ponto, as marcas corporais na sociedade contemporânea seriam vistas como resultantes de um duplo processo subjetivo: por um lado, como busca de adesão dos jovens em relação a uma sociedade que cada vez mais se adapta a valores de uma exigente economia de mercado, num movimento de identificação a valores culturais diferentes dos valores da família. Por outro lado, como busca de uma suposta singularidade através da possibilidade de dispor de seu corpo segundo a sua vontade, afirmando a incorporação de uma marca identificatória escolhida.

Neste contexto descrito, as modificações corporais como tatuagens e *piercings* podem significar para o portador do corpo pubertário uma marca da apropriação, do encarnar da libido em seu redespertar num corpo cindido de seu passado. Na contemporaneidade, o inédito espaço ocupado pela corporalidade na teia simbólica das significações sociais, parece se oferecer como uma opção de rearticulação da economia psíquica e de mediação da pulsionalidade na adolescência. Neste momento a marca se constitui como uma inscrição simbólica que faz parte de um balanceamento subjetivo complexo. Esta estabelece uma

VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

¹³ Para aprofundamento complementar da questão conferir: DOLTO, F. *La cause des adolescents*. Éditions Robert Laffont: Paris, 1988.

referência, um marco, uma cicatriz para a história do sujeito. A estabilidade desta referência se sustenta na fantasia da permanência e da propriedade que o corpo empresta nos dias atuais.

Assim sendo, participam desta conjuntura que permeia este estado de ressignificações na sociedade contemporânea uma importante dualidade. O primeiro dos elementos desta dualidade diz respeito a busca por uma suposta singularidade, esta marcada pela dinâmica que oscila entre a busca simbólica de reconhecimento e de sentido. O segundo trata de uma adesão a marcação do corpo como fenômeno de identificação social, lógica esta transpassada pelo modo de consumir.

Entretanto, ambas estão incluídas e adaptadas ao modo de funcionamento cultural na atualidade, fazendo parte de um mesmo círculo simbólico. E nesta dinâmica o corpo possui papel central, não somente como matéria prima das marcas corporais, mas também como norteador das histórias, alvo do consumo, suporte de uma imagem de si moldável aos interesses do instante vivido. Como continuação desta proposta argumentativa, após um breve olhar sobre as funções das marcas corporais na atualidade, o próximo capítulo será dedicado ao tema da corporalidade tendo em vista sua centralidade para a constituição subjetiva contemporânea, especialmente ao longo da adolescência.

CAPÍTULO 2:
RESSIGNIFICAÇÕES COMPARTILHADAS: ADOLESCÊNCIA E
CORPO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

2. RESSIGNIFICAÇÕES COMPARTILHADAS: ADOLESCÊNCIA E CORPO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*“Quero romper com meu corpo, quero enfrentá-lo,
Acusá-lo, por abolir minha essência,
Mas ele sequer me escuta e vai pelo rumo oposto.”*
Carlos Drummond de Andrade

Nos dias atuais a adolescência é significada como uma vivência de descontinuidade do ser; como uma lacuna na existência. Através da psicanálise pode-se destacar como um movimento importante deste período a referência à genitalização, através da qual novos aspectos pulsionais são ativados e o sujeito se vê inundado por uma excitação que não é capaz de dominar, gerando um transbordamento libidinal que culmina no desamparo (SAVIETTO; CARDOSO, 2006). Há uma quebra da instância egóica constituída durante o período de latência que atinge o narcisismo, estabelecendo-se um período de intensa instabilidade interna. A reformulação dos ideais de ego na adolescência requer um desprendimento do sujeito de referenciais parentais e o investimento em um futuro incerto e, por vezes, ambíguo.

O equilíbrio psíquico, momentaneamente conquistado no período de latência, é estremecido pela revolução em curso. Ao longo da adolescência, nas tentativas de reconstruir este equilíbrio ou de estabilizar uma outra forma de bem-estar, o sujeito reviverá situações passadas, frente às quais também será exigida a edificação de novos recursos e a construção de novas alternativas de resolução. Assim, uma das tarefas da adolescência é, por meio da elaboração de pontos já vivenciados, possibilitar condições para um trabalho de reestruturação psíquica, ou seja, uma reconquista da estabilidade do ego e a reorganização das pulsões, acomodando tanto as modificações físicas quanto as repercussões psíquicas numa distinta configuração subjetiva.

Dois movimentos concomitantes na adolescência podem ser considerados fundamentais: o abandono dos primordiais objetos de amor e o redirecionamento a outros objetos, externos ao mundo constituído da infância. Em um primeiro momento, estes novos relacionamentos ocupam um espaço preferencial no preenchimento do vazio deixado pelos objetos originários, podendo ser investidos de propriedades idealizadas, até o momento em que os conflitos edípicos reeditados possam ser elaborados através da mediação de novos recursos psíquicos.

Sendo assim, gradualmente o sujeito passa a estar menos ligado à família e sua

prioridade relacional é depositada em amigos, grupos em particular e a sociedade em geral. Enquanto na infância a criança dispunha do suporte da autoridade parental e depositava nela sua confiança, o jovem, especialmente na cultura ocidental contemporânea, padece de uma destituição desta autoridade. Na passagem para a idade adulta, com a falta de disponibilização de novos referenciais sólidos para a construção da história do sujeito, o ego pode encontrar-se carente de suas orientações radicais.

Esta característica seria potencializada por uma questão presente na cultura contemporânea, que é ressaltada por Costa (2004), em sua obra *O Vestígio e a Aura*. O autor sublinha a questão da decadência das figuras de autoridade como referências na constituição do ideal de ego e a ascensão das figuras em forma de celebridades. Nesta obra, Costa aponta que, no passado, as figuras de autoridade eram abundantes no campo moral dos sentimentos, transmitindo significados relacionados ao sentido do “bem”, da família e do trabalho. Atualmente essas figuras foram sobrepujadas e sufocadas pela explosão da moda e dos mitos científicos, de maneira que qualquer forma de autoridade é prontamente confundida com autoritarismo. Esta condição atingiria de forma especial o adolescente, já possuidor de um fragilizado referencial de autoridade em função, dentre outros fatores, de seu remanejamento identificatório radical.

Corroborando com este argumento, Birman (2009) acrescenta que seria a autoridade, enquanto elemento da ordem simbólica, que possibilitaria o sujeito o "lidar com o pulsional", tornando esta pulsionalidade passível de representação através da promoção de um trabalho de ligação e de mediação. Entretanto, o contexto sociocultural da contemporaneidade não estaria especialmente amparado por esta força da autoridade e da ordem simbólica; sendo caracterizado, antagonicamente, por características como a precariedade em referenciais, instabilidade, vulnerabilidade, incerteza e insegurança (BAUMAN, 2001). Este ponto novamente desperta distinta atenção quando transposta à temática acerca da vivência da adolescência nos dias atuais.

Outra peculiar questão que se destaca na cultura ocidental contemporânea - e que se integra ao universo adolescente de forma inquietante - diz respeito ao estatuto do corpo presente na organização social. Segundo Le Breton (2003), no discurso científico contemporâneo o corpo é pensado como uma matéria indiferenciada, como um suporte para o indivíduo. Este torna-se um objeto passível de ser melhorado e incessantemente explorado.

Em suas palavras: “O corpo é normalmente colocado como um alter ego consagrado ao rancor dos cientistas. Subtraído do homem que o encarna a maneira de um objeto, esvaziado

de seu caráter simbólico, o corpo também é esvaziado de qualquer valor”. Estrutura cujas peças podem ser substituídas, melhoradas, conjuntura que dá sustento a presença, o corpo hoje é moldado em nome de uma purificação técnica da aparência e de condutas, uma retificação do ser-no- mundo. Deve-se obter o máximo do corpo: garantias, sensações, experiência histórica da passagem do tempo. Construí-lo incansavelmente na tentativa de corrigir o eterno rascunho da presença se tornou uma tarefa cotidiana do sujeito contemporâneo.

Assim, uma das entrevistadas quando questionada se o ato do *piercing* respondia a alguma necessidade específica pessoal esta responde:

Não sei. Acho que provavelmente, mas eu não consigo pensar em nenhuma. Acho que talvez essa coisa de querer sempre ter alguma coisa de diferente, de sempre chamar a atenção. Eu gosto de tudo que chama a atenção assim. Ai eu acho que o piercing é um pouco isso também. Acho que é a coisa de querer chocar assim, de querer aparecer, acho que é mais ou menos isso. (Janaína, primeiro piercing aos 16 anos)

A entrevistada aborda em sua argumentação o desejo da construção de uma imagem única, de forma que esta não possa passar despercebida ao olhar. A expressão hesitante "não sei" inicial, direcionada a sua necessidade interna, contrasta com a contundência expressada em seu propósito de "chocar", "chamar a atenção", direcionada a um outro imediato. Neste jogo, o corpo se torna suporte da construção de uma imagem impessoal, numa perseguição de uma diferenciação já marcada pelos ditames do consumo, através de "acessórios singularizantes" partilhados por multidões. Pode-se destacar a presença de um desejo renovável por um corpo único que possa lhe proporcionar uma presença singular, contudo sem ignorar o diálogo com código cultural da qual faz parte.

Neste ponto de vista, o corpo desejado é visto como acessório da presença, implicado em uma encenação de si construída a partir da montagem de uma apresentação provisória mais favorável aos interesses do momento. Para isso há a incansável submissão do corpo a uma série de técnicas: *body building*, marcas corporais, cirurgias estéticas, que representam as possibilidades de uma subjetividade manejável, ao gosto da afirmação de uma *estética de presença*¹⁴ Conforme salienta Le Breton (2003), “Não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme a idéia que dele se faz”.

Sem o comportamento induzido pelo indivíduo, sem a padronização de um estilo de vida destinado a um fim específico, o corpo seria uma forma decepcionante, insuficiente para

¹⁴ Termo utilizado originalmente em Le Breton (2003).

representar o sujeito no cotidiano a ser enfrentado. A partir da constante vigilância a partir desta *suspeita do corpo* este deixa de representar uma unidade de personificação externa do homem para se tornar um elemento moldável de reivindicação de si perante sua afirmação pessoal e perante as possibilidades de mudanças em sua própria história.

A grande preocupação consiste em modificar o olhar sobre si e o olhar dos outros a fim de se conquistar uma existência plena. Ao mudar o seu corpo, o sujeito intenciona moldar sua subjetividade e modificar sua forma de vida. Assim, insiste Le Breton (2003):

O corpo é escaneado, purificado, gerado, remanejado, renaturado, artificializado, recodificado geneticamente, decomposto e reconstruído ou eliminado, estigmatizado em nome do “espírito” ou do gene “ruim”. Sua fragmentação é consequência da fragmentação do sujeito. (LE BRETON, 2003, p. 17)

Diante desta disposição cultural, que supervaloriza e dirige os olhares à performance de um corpo normatizado, como ressalta Le Breton (2003) no trecho acima, as repercussões psíquicas características do período da adolescência podem sofrer um especial abalo. O processo de reconhecimento de um corpo em revolução, além da reestruturação subjetiva em um âmbito mais amplo podem se tornar mais complexos e exigir mais recursos do psiquismo do sujeito. Esta repercussão apresentaria seus reflexos na questão da crescente adesão às marcas corporais, sobretudo por indivíduos provenientes desta faixa etária, mas também presente em outras faixas etárias da sociedade, como será discutido nos próximos itens.

De acordo com Costa (2004), os ideais da felicidade sensorial e da vida como entretenimento corroeram a credibilidade das instituições que davam suporte à moral tradicional e à ética cotidiana, baseados nos valores do trabalho, da família e da religião. Pensando nestas questões, que conduzem, entre outros destinos, à crise da autoridade contemporânea, o autor buscou investigar dois fatos associados a esta denominada destradicionalização: o consumismo e as inéditas formas de culto ao corpo. O foco do trabalho é depositado sobre a constituição subjetiva contemporânea e o sentido de determinados fenômenos sociais.

Na discussão acerca das modalidades de culto ao corpo contemporâneas o autor destaca que este crescente interesse não é gratuito ou despropositado:

A enorme expansão dos saberes neste domínio – do avanço das ciências biológicas e das tecnologias médicas até a difusão cultural das espiritualidades asiáticas – nos fez perceber a realidade corpórea de maneira nova, atraente, curiosa e surpreendente. (COSTA, 2004, p. 23)

O limite crítico deste interesse apontado por Costa (2004), contudo, não se encontra no montante de cuidados dispensados, mas sim no significado que estes assumem. O lado

preocupante em relação a esta obsessão pelo corpo é inegável. Esta se expressa na estigmatização dos desviantes da *norma somática ideal*, na proliferação dos transtornos da imagem corporal e da submissão sem limites à moda e ditames publicitários. Neste caso, o corpo físico é elemento principal do conflito psíquico e não apenas o pano de fundo do embate entre afetos, pulsões, representações e instâncias subjetivas.

Ainda na mesma obra, Costa (2004) assinala que, na contemporaneidade, o avanço real ou imaginário da ciência e da tecnologia mudaram o perfil da idealização da imagem corporal. Atualmente, uma porção do ideal de ego encontra-se atrelado à perfectibilidade física prometida pelas novas tecnologias médicas. O futuro deixou de ser então o tempo indeterminado de "auto-realização emocional" para se tornar o tempo planejado das etapas de correção física da aparência corporal. Em suas palavras:

O sujeito contemporâneo padece de um fascínio crônico pelas possibilidades de transformação física anunciadas pelas próteses genéticas, químicas, eletrônicas ou mecânicas. O corpo físico, em sua dimensão de esquema, volta a ser julgado como causa real da ferida narcísica, mostrando a compulsão do eu para causar o desejo do outro por si mesmo, mediante a idealização da própria imagem. [...] Poucas coisas, atualmente, entusiasma tanto os indivíduos quanto discutir sobre taxas de colesterol, posturas anatomicamente corretas, sensações de bem-estar físico recém-descobertas ou alimentação saudável, livre de corantes químicos, agrotóxicos ou mutações transgênicas. O narcisismo triunfou sobre o esquema corporal, incorporando-o à dinâmica do gozo libidinal com a imagem ideal. (COSTA, 2004, p. 34)

Segundo Costa, o despotismo do corpo perfeito se exerce pelo constante policiamento e exigência de renúncia dos hábitos contraídos na organização do esquema corporal. Assinala ainda que a subjetividade do indivíduo na sociedade ocidental contemporânea está assentada no corpo, de forma que sua conservação se tornou um fim em si mesmo e garantia de consideração moral na sociedade.

Sendo assim, a felicidade na moral do espetáculo (DEBORD, 1997) estaria articulada à obtenção do corpo ideal proclamado pela mídia assim como suas respectivas sensações. Do corpo ocorre a extração de garantias de felicidade e de sensações que forneçam sustentação à existência. Exaltando o prazer das sensações e implicando em uma satisfação de caráter narcísico, a sociedade contemporânea incitaria um uso arriscado do corpo superinvestido libidinalmente da adolescência, na medida em que este se torna um estrangeiro, portador de uma ruptura com seu passado. Novamente segundo Costa (2004):

As imagens corporais ideais, difundidas pela vulgata científica da mídia ou pelos mentores do marketing e da publicidade, têm como premissa a obsolescência programada do corpo. O sujeito, qualquer que tenha sido a sua experiência corporal, deve estar pronto a querer possuir o corpo da moda. A identidade corporal é, desse modo, refém do imprevisível [...]. O futuro do corpo é cindido do passado e posto em

suspenso, à espera da nova palavra de ordem da moda ou dos mitos cientificistas. (COSTA, 2004, p. 42)

Como destaca Costa (2004) no fragmento acima, na moral do espetáculo, o sujeito se defronta com o dever básico da exploração corporal até torná-lo apto a encarnar qualquer ideal narcísico programado pela moda ou pelo entretenimento. A partir da "absolescência programada do corpo" o sujeito abre mão de sua experiência corporal, encarnando a premissa de uma *subjetividade rascunho*: o corpo ganha legitimidade apenas após sua modificação, a presença no cenário social deve ser passada a limpo simbolicamente. Entretanto, como consequência, na moral do entretenimento e das sensações o estado psíquico corrente é o da insatisfação e receio perenes quanto à auto-imagem.

Mas como o corpo chegou ao status de representante maior da subjetividade na contemporaneidade? Como este se tornou o principal representante na construção de uma imagem de si como principal forma de representação do eu, processo este atravessado pelas formas de consumo e pela necessidade latente de adaptação às demandas culturais? No próximo item, a partir de um olhar sobre o tema do declínio das metanarrativas e a desestruturação das narrativas de destino na atualidade um importante hipótese poderá ser ressaltada.

2.1 *Weltanschauungen* e narrativas de destino: as marcas impressas pelo corpo-imagem

Como importante pressuposto da psicanálise pode-se realçar seu foco na natureza essencialmente histórica da subjetividade, esta possuidora de uma estrutura intrinsecamente correlacionada às modificações do laço social. Pode-se apontar que desde seu princípio a psicanálise se preocupa com o âmbito da interação entre o social e o individual.

Partindo desta colocação, o artigo de Silva Junior et. al (2009) tem importante papel para a continuação da discussão da temática entre a constituição das subjetividades contemporâneas, especialmente no período da adolescência, e sua relação com a vivência da corporalidade, pontos estes ressaltados por este trabalho. Neste artigo, o autor realiza uma equiparação entre o termo *Weltanschauungen* (Visões de Mundo), utilizado por Freud e o

conceito de metanarrativa, delimitado a partir de Giddens¹⁵. Neste contexto, a ideia de metanarrativa é empregada no que diz respeito aos enredos sociais responsáveis pela estruturação do mundo simbólico dos sujeitos em um determinado contexto histórico. Estes enredos possuem como atribuição a inserção social e histórica dos sujeitos, através da sustentação do pressuposto de um passado sólido, do qual possam ser extraídos referências, e um futuro portador de algum grau de preditibilidade.

O termo "narração de destino", também empregado neste texto, articula-se ao tema na medida em que remete aos discursos individuais elaborados pelos sujeitos a partir das metanarrativas, ou *Weltanschauungen*. Sendo assim, na interligação entre estes domínios, a partir de um passado que fornece referenciais ao sujeito, é possibilitada a este a construção de seu lugar histórico e social direcionado a um certo futuro. Pode-se pontuar ainda que este elemento se tornaria parte essencial da edificação dos ideais de ego¹⁶ individuais ao longo do processo de constituição subjetiva, com destaque para o momento da adolescência, no qual referenciais sociais e históricos são remanejados para possibilitar o investimento na vivência da idade adulta.

Segundo a hipótese do artigo citado, as metanarrativas estão em declínio na contemporaneidade e, como consequência, as narrações de destino e suas funções encontram-se perturbadas. Neste contexto, inéditas funções identitárias para o corpo ganham espaço.

Diversos aspectos distinguem o discurso contemporâneo em sua relação com o corpo. Segundo Silva Junior et al. (2009), a civilização na atualidade pode ser caracterizada pela decadência dos ideais culturais e da ascensão do objeto do gozo, da satisfação. Esta dinâmica descreve a predominância do objeto, que se impõe aos sujeitos, consumidores reais ou virtuais. Conforme ponto de vista do autor: "Isso indica a predominância do gozo pulsional, individualista, sobre os ideais da civilização" (p. 129).

Principalmente a partir da década de 1970 o direito de poder gozar de seu próprio corpo a partir de um discurso de propriedade e de pertencimento se tornou palavra de ordem. O desejo de liberação dos corpos foi constituído e transformado em uma causa a ser defendida. Nos dias de hoje a presença do corpo é marcada pela forte tendência à identificação a uma imagem totalizante, composta por corpos ideais revestidos de acessórios fantasmáticos que o sujeito é convocado a possuir. Duas importantes perspectivas seriam evidenciadas a partir

¹⁵ GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

¹⁶ Para uma discussão mais detalhada acerca do tema da constituição dos ideais de ego conferir capítulo 3, item 3.3.

deste ponto: "a crença de cada um em sua imagem e o cuidado em se identificar com uma imagem bem sucedida de si" (p. 129).

A partir deste processo de identificação a uma imagem idealizada e controlada pode-se compreender melhor a origem da forma de lidar com o corpo dos sujeitos contemporâneos. As práticas de tatuagem e *piercing* descritas neste trabalho se enquadrariam nesta conjuntura enquanto um incessante processo de busca relacionada à constituição de um corpo singular. Assim enfatiza Daniel sobre a relação entre suas expectativas acerca de suas marcas corporais e a construção de uma imagem de si:

Esse tempo todo tenho me preocupado em não soar místico ou supersticioso. Mas talvez uma forma melhor pra me expressar aqui. [...] Não podemos mudar o nosso biotipo. Mas escolhemos nossa representação aqui na terra, por favor, passemos longe de religião, mas é como se escolhêssemos como queremos e o que queremos representar aqui e nossa imagem é o que mostramos pro mundo. Eu me expressei direito? Você conseguiu entender? A tatuagem, não deixa de ser mais um artifício desse fenômeno. (Daniel, primeira tatuagem aos 17 anos e primeiro piercing aos 15 anos)

Neste trecho Daniel expõe a relação entre as motivações de sua adesão às marcas corporais e o lugar da transcendentalidade em sua narrativa histórica. Através de seu discurso pode-se destacar sua preocupação solitária e quase opressora no que se refere à construção de uma imagem pessoal enquanto forma maior de representação de si no mundo, desvinculado imperativamente de qualquer pressuposto místico.

Em uma correlação com estes pontos, pode-se apontar que, em seu livro *A sociedade do espetáculo* (1997), Guy Debord ressalta que a conjugação entre a mercadoria e a imagem de si possuem características inéditas na contemporaneidade, diversas das presentes ao longo da história do capital até então. Trata-se da *transformação da imagem na forma final da mercadoria* (SILVA JUNIOR et. al., 2009). Sendo assim, a etiqueta, o símbolo da marca, se tornam uma representação palpável da imagem enquanto encarnação final da mercadoria. Diante deste mecanismo, domínios como da religião, da saúde, da sexualidade, do nascimento, da vida e da morte são retraduzidos, instaurando-se novos códigos de associação e de funcionamento.

Como destaca Silva Junior (2007), "Não se trata apenas de uma utilização dos mecanismos de controle e manipulação do desejo, mas de uma transformação da própria subjetividade nos elementos da modalidade capitalista de produção" (p. 131). Trata-se de uma expressão plena de uma *codificação mercantil das subjetividades contemporâneas* (SILVA JUNIOR, 2003), na qual convoca-se o sujeito à uma identificação sem história, alimentada exclusivamente pela circularidade do consumo. Neste contexto, preencher de sentido ou

marcas "singulares" as narrativas subjetivantes de torna uma tarefa a ser reproduzida incansavelmente (SILVA, G. F., 2012).

No interior da lógica desta configuração, o fundamento da identidade do sujeito se desloca para seu corpo, se desvinculando da narração de sua própria história. Contudo, este corpo desejado remete a uma imagem que não coincide com sua aparência natural. Diante disso inicia-se um trabalho de escultura, uma recriação destinada a corrigir um eterno suporte material de uma imagem corporal idealizada. Quando localizada no interior do período da adolescência esta dinâmica convoca a atenção. Diante de um corpo que se redefine biologicamente e pulsionalmente, este trabalho de eterna adequação a modelos definidos culturalmente pode sobrecarregar o sujeito adolescente no que concerne à sua capacidade de elaboração psíquica dos excessos que o invadem.

Exemplarmente, seu referencial histórico passa a ser localizado em seu corpo. Seu registros de experiências, o seu diálogo com o campo simbólico circundante, suas angústias e perspectivas para o futuro, são revelados muitas vezes por um mal-estar de um corpo matéria-prima de modelagem. Neste contexto as marcas corporais abordadas neste trabalho tem seu espaço crescente entre os adolescentes: voz dos excessos de um corpo comprimido entre sua pulsionalidade revolta e as exigentes demandas culturais contemporâneas de consumo e adequação.

A partir da Idade Moderna pode-se observar o enfraquecimento da religião como organização simbólica central na cultura e sua substituição pelo conceito de Razão. Conseqüentemente, a ideia primordial da criação do homem por Deus foi colocada em questão, abrindo as portas para a possibilidade da criação do homem por si próprio. Entretanto, esta mudança não se concretizou sem conflitos. À medida que o homem se vê possuidor do poder de criação sobre si mesmo, ele também se depara com o desamparo da orfandade. O discurso da modernidade sentencia o sujeito à perda da segurança da confiança em uma ordem transcendente e protetora (SILVA JUNIOR, 2009).

Este descrédito na autoridade divina ocasionou um intenso abalo na estrutura das metanarrativas. As biografias individuais se encontraram portadoras de narrações sem origem, sem fundamento. Neste sentido, a partir da Idade Moderna pode-se destacar que cada sujeito está desprovido de uma sustentação simbólica frente ao não-sentido do destino, sendo lançado à uma exposição radical ao acaso.

As mudanças na economia geral do discurso descritas até aqui alteraram as estruturas do discurso cotidiano sobre o corpo e suas respectivas significações para a história do sujeito. As delimitações entre o natural e o artifício, o sujeito e seu corpo, o campo social e os ideais, são colocados em foco de forma inédita. A inquietante modalidade discursiva acerca da corporalidade remete às raízes da constituição subjetiva na contemporaneidade. Neste contexto, a adolescência e sua respectiva reconstituição de referenciais simbólicos se revelam como uma lente de aumento privilegiada na observação dos efeitos destes fenômenos.

De acordo com Paul Ricoeur¹⁷, a partir de Silva Junior (2009), a identidade narrativa seria formada por uma relação dialética entre duas modalidades de negatividade: a *ipseidade*, que promove o engajamento do sujeito de forma estável em relação aos demais, e a *mesmidade*, que o engaja em sua permanência ao longo do tempo. Através do conteúdo exposto pode-se realçar que, ao longo de sua história, o sujeito confrontado incessantemente à ameaça inerente à sua finitude, recorreu ao amparo imaginário de uma alteridade transcendente. Segundo o autor, a partir deste ponto de vista, "a estrutura narrativa do destino implica uma tomada em questão da identidade a partir das duas formas da negatividade definidas por Paul Ricoeur, e não seria ousado considerá-la enquanto uma modalidade de seu conceito de 'identidade narrativa'" (p. 138).

Com a desestabilização das metanarrativas a partir da idade moderna, a estrutura da intencionalidade do destino foi diretamente comprometida, afetando também a fração de alteridade da identidade narrativa, ou seja, sua *ipseidade*. Se esta forma de negatividade correspondente à identidade narrativa se encontra corrompida, uma narração baseada majoritariamente na *mesmidade* está em voga. Sendo assim, a identidade passa a ser limitada à relação semântica entre o signo e seu referente. A profundidade discursiva da linguagem estaria assim simplificada, assim como a diversidade de recursos para a elaboração psíquica.

Esta restrição da identidade narrativa à fração da mesmidade seria uma das justificativas para o papel ocupado pelo corpo na problemática da constituição identitária contemporânea. Desprovida de sua referência ao outro, a narrativa corporal deixa de ser um dado de finitude ou um espaço para os traços que narram a passagem da história do sujeito. O corpo encontra-se finalmente transmutado em um suporte mudo para a identidade.

Tais mudanças desencadeariam importantes efeitos na economia psíquica do sujeito contemporâneo. O esmaecimento dos recursos narrativos modificam as fronteiras simbólicas

¹⁷ RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

da identidade, sendo que o papel de sustentação da cultura se torna enfraquecido.

Diante desta configuração, quatro relevantes âmbitos afetados por este padrão de relacionamento com o corpo do sujeito contemporâneo são ressaltados. A título de apontamento para possível próximas direções de pesquisa estes são apresentados a seguir:

a) Temporalidade:

O aumento da extensão do período da adolescência se apresenta como um dos efeitos deste abismo simbólico representado pelo obscurecimento dos parâmetros coletivos para a história individual. Como ressalta David Le Breton em suas inúmeras obras que abordam a temática (1995, 2002, 2003, 2007, 2009), trata-se de um lugar de passagem, e é este não-lugar que melhor exemplifica o sentido da narração do destino do sujeito contemporâneo.

b) Espacialidade:

Em função da restrição do âmbito identitário à *mesmidade*, o corpo torna-se circunscrito à dois âmbitos da relação semântica: o signo e seu referente. As fronteiras simbólicas conservadas com o auxílio das narrativas tradicionalmente construídas se fragilizam e, neste momento o corpo é invadido por signos valorizados em seu exterior. Esta relação se converte naquela entre a imagem ideal do corpo e sua referência concreta.

Perante às possibilidades de usos do corpo através desta modalidade mais uma vez ilustra Silva Junior (2009): "podemos também encontrar na cultura usos não críticos do corpo como suporte material do signo, como é o caso das cirurgias estéticas e algumas práticas de modificação corporal, usos que são bastante inquietantes em seus atuais excessos" (p. 139). Diante destes usos não críticos o corpo perde o posto de autoria das transformações e, igualado ao material do signo, revela-se como suporte material adaptável às demandas da cultura.

c) Alteridade:

Com a decadência da dimensão transcendente na sustentação das narrativas do destino uma consequente substituição foi efetuada e o outro próximo passou a portar o estatuto de referencial maior para a vida do sujeito. A partir desta lógica, os ideais culturais seriam

fortemente comprometidos, estando estes subjugados a este outro imediato: "O abandono da alteridade se articula assim à submissão ao outro imediatamente ao lado" (p. 139).

Perante esta configuração pode-se apontar para o funcionamento dos efeitos de moda com sua adesão espantosa ou, em outro extremo, o isolamento promovido por artifícios virtuais. O sujeito oscila entre submeter-se completamente à lógica do semelhante ou isolar-se parcialmente através dos recursos pretensamente protetores de uma realidade virtual.

d) Pulsionalidade:

A desestruturação das narrativas do destino compromete a eficácia da rede simbólica para elaborar as flutuações pulsionais. Este fator se torna ainda mais relevante quando transportado para o momento da adolescência, típico por sua pulsionalidade em revolução. O corpo encontra-se então novamente como canalizador dos excessos a serem elaborados e da história que passa a ser entalhada em carne viva.

Partindo desta importante proposta que aborda o corpo como suporte da identidade como consequência da desestruturação das metanarrativas e seu respectivo impacto para as narrações de destino, este trabalho propõe um ponto adicional acerca do funcionamento das subjetividades contemporâneas: o corpo encarnado como próprio ideal cultural, agente estruturante dos ideais de ego e, conseqüentemente, das constituições subjetivas.

Neste contexto surgem as marcas corporais, enquanto demarcação histórica de apropriação de um corpo eternamente em mutação, em necessidade de constante adequação. Através desta conjunção de fatores, a tatuagem e o *piercing* ganham importância para o sujeito adolescente que, partindo de um momento de realocação de referenciais culturais, marca na pele a apropriação de seu novo corpo e de seu inédito lugar simbólico na comunidade social, sem abrir mão de sua conformidade ao jogo da cultura.

Esta temática será discutida no capítulo a seguir, a partir da contextualização histórica da temática da adolescência e de uma reflexão acerca do lugar do sujeito adolescente na atualidade. A este ponto se seguirá um breve estudo acerca dos temas dos ideais (ego ideal, ideal de ego, ideal de massa, ideal de cultura) como forma de ressaltar esta intersecção sujeito/sociedade e suas particularidades na contemporaneidade.

CAPÍTULO 3:
SUJEITO PSÍQUICO EM TURBULÊNCIA PULSIONAL: OS IDEAIS E
A ADOLESCÊNCIA

3. SUJEITO PSÍQUICO EM TURBULÊNCIA PULSIONAL: OS IDEAIS E A ADOLESCÊNCIA

"Mas aí eu fiz, tal, e escondi da minha mãe durante umas duas semanas (risos). Aí depois eu falei pra ela, falei: 'mãe, eu tenho uma coisa aí que eu preciso mostrar pra senhora, tal, mas a senhora não vai gostar...'. Aí ela começou a ficar nervosa, aí eu peguei e mostrei, aí eu falei: 'olha mãe o que eu fiz!'"
Adriano, primeira tatuagem aos 18 anos

Este capítulo será dedicado à discussão acerca do estatuto da adolescência na sociedade contemporânea enquanto fenômeno cultural instituído historicamente. Para tanto será apresentado um breve histórico, que objetiva ilustrar as mudanças ao longo da história do lugar e da significação atribuída ao jovem na sociedade segundo as especificidades culturais. A seguir uma contextualização do tema na obra freudiana dará continuidade à discussão. Por fim a temática dos ideais será abordada apresentando-se a intersecção entre a temática da adolescência e a corporalidade contemporânea; no interior deste contexto as marcas corporais serão destacadas.

3.1 Breve histórico

Em cada cultura e em cada momento histórico as atribuições de sentido aos termos correspondentes à *adolescência* ocorreram de maneiras distintas. Considerando estas renovações, um breve histórico acerca de como estes conteúdos semânticos foram modificados ao longo da história da humanidade se torna útil às reflexões suscitadas pelas delimitações correlacionadas a circunscrição deste campo simbólico nos dias atuais. O histórico apresentado a seguir, do mesmo modo que os apontamentos sobre os usos dos termos concernentes à adolescência, são respectivos ao livro de Matheus (2007), *"Adolescência: história e política do conceito na psicanálise."*

Na Grécia Antiga não se encontra um sinônimo formal para o termo adolescência, sendo o mais próximo em significado o termo *efebo* utilizado para se referir ao jovem em

formação, alvo de admiração por sua beleza e detenção de alto valor social. Sobre o universo cultural da época e a condição do efebo no sistema social grego salienta Matheus:

A condição do efebo, na Grécia Antiga, fazia parte de uma ordem social que, em última instância, opõe radicalmente os jovens e os velhos e forma a base natural do equilíbrio em sociedade, sustentando um universo cultural em que suas várias dimensões – sexualidade, organização familiar e política, entre outras – encontram-se diretamente articuladas e dependentes entre si. (MATHEUS, 2007, p. 22)

Através da citação destaca-se como estatuto do jovem na sociedade grega está articulado a sua função social. Isto evidencia o modo como a organização social se mostra interligada de forma ampla em seus domínios, da sexualidade à política, e como seu funcionamento e equilíbrio se tornou dependente desta natureza.

No caso na cultura romana, o termo *adulescentia* remete aos mais antigos textos, correspondendo ao período da vida que pode se prolongar até os trinta anos, sucedendo a *pueritia* e precedendo a *iuventus*.¹⁸ Em Roma, esta divisão por idades estava diretamente marcada pela tensão envolvida na determinação dos degraus na hierarquia familiar, que se constituía como referência do estatuto dos indivíduos no corpo social como um todo. “Se a participação na vida comunitária era possível somente a *iuventus* – após um ritual iniciático em que passava a usar a toga viril -, a *adulescentia* estava marcada pela preparação para a etapa que estava por vir [...]” (FRASCHETTI, 1996 apud MATHEUS, 2007, p. 18). Perante estas definições, pode-se ressaltar a profunda discrepância entre essas classificações etárias e os ciclos biológicos humanos, já que a *adulescentia* poderia se prolongar por volta dos trinta anos e a *iuventus* até os cinqüenta.

Em relação à Idade Média ocidental, o autor sustenta que a imagem acerca da adolescência é incerta e pouco homogênea, em função de uma falta de uniformidade do universo medieval acerca das concepções sobre as diferentes etapas da vida. Além deste ponto, acrescenta-se ainda a questão que, na época, seja entre camponeses ou na aristocracia, poucos tinham noção de sua própria idade, de modo que as práticas sociais giravam mais em torno de papéis sociais do que faixas etárias estabelecidas.

A partir do nascimento do Estado Moderno, a juventude e a adolescência ganham uma diferenciação cada vez maior. Com o crescimento das cidades, os grupos sociais de cada localidade se dissolvem em sua unidade em virtude de um constante deslocamento populacional. A educação dos jovens passa então para a responsabilidade de instituições formadoras, como é o caso da Igreja e do Estado. Ao final do século XVIII as primeiras

¹⁸ FRASCHETTI, A. O mundo romano. In: LEVI, G.; SCHMITT, J-C., ORG. *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

instalações de ensino secundário são estabelecidas, contudo de forma muito irregular no seu acesso a população e em sua própria distribuição física. Todavia, apesar de sua ausência de uniformidade, as etapas da educação estabelecidas ao longo do século XVIII, possibilitaram uma sistematização inédita das idades e ciclos da vida. Neste momento pode-se vislumbrar o prenúncio dos elementos que substituiriam o ideário de coletividades pelo de *indivíduos*.

Com a Revolução Francesa o conjunto de conceitos que dará sustentação à noção de indivíduo moderno encontra disseminação e a concepção da *periodização das etapas da vida* em função da escolarização, da primeira comunhão e do serviço militar eclode de modo decisivo. Neste momento há o fortalecimento da idéia de que a formação do homem depende da vivência de etapas que se sucedem em sua vida e são compartilhadas em sociedade através de hábitos e costumes comuns.

Como uma das consequências da categorização das etapas da vida houve a separação de um universo infantil que necessitava ser preservado e de um mundo adulto que deveria ser regrado, ganhando destaque neste processo a etapa que preenche a passagem de um ciclo a outro. A delimitação de um ambiente próprio à família burguesa, retirado de um espaço social comum, também preparou o solo para a distinção de um conceito de adolescência, este precedente de um imaginário que predomina nos dias atuais.

Como cenário subjacente ao estabelecimento destas regras pode-se destacar a intencionalidade da previsão e do controle sobre o sujeito social; estes unificados por valores da autodeterminação e da racionalidade, ícones da modernidade. Assim, Matheus (2007) enfatiza que: “A idéia de adolescência que se forma durante o século XIX é fruto do processo de subjetivação e constituição do indivíduo, pilar de sustentação do Estado Moderno.” A idéia contemporânea da adolescência como um período de crise, de ressignificação e de reposicionamento diante de valores e da vida é herdeira deste ideário iluminista.

Este olhar sobre a dimensão histórica do indivíduo tem por finalidade resgatar os elementos que são passíveis de reconhecimento na constituição subjetiva contemporânea e na composição da noção de adolescência partilhada atualmente. A imagem do indivíduo foi produzida na confluência entre conceitos iluministas e a crítica romântica; ideais de autonomia, racionalidade e autodeterminação coabitando pouco pacificamente com a inquietude das paixões. Esta imagem fundamenta o campo simbólico que antecede a contemporaneidade e retorna nos ideais culturais e também nos pontos mais sutis de recalque das instituições sociais. Por conseguinte, pode-se apontar que a gestação da adolescência desponta como fruto desta conjuntura social, sendo que a delimitação desta etapa da vida se

tornou elemento estruturante na constituição do sujeito moderno.

Os ideais culturais da modernidade foram engendrados por um conjunto de condições que remontam a uma estrutura social e política concomitantes. Neste momento histórico ocorreram profundas modificações nas estruturas das sociedades européias¹⁹ entre elas: o nascimento de uma burguesia e de uma mobilidade social antes impensável, a expansão do comércio e o nascimento do Estado Moderno a partir do poder centralizado. A visão de homem instaurada se constituiu como mais uma peça desta inédita configuração, em que são explicitadas as responsabilidades e direitos individuais em detrimento da conservação de uma totalidade compartilhada e vivenciada em comunidade.

Diante do momento histórico descrito algumas especificidades acerca do contexto brasileiro merecem ser ressaltadas. Como colônia de um país europeu, o Brasil se tornou alvo preferencial da importação do ideário moderno não deixando, no entanto, de acrescentar cores locais. Esta transmissão, intensificada principalmente a partir da chegada da corte portuguesa, destacou-se mais significativamente a partir do caráter pedagógico e higienista que despontava nos principais centros urbanos do país.

Estes valores foram semeados num campo já existente que se baseava em uma estrutura clientelista, com um funcionamento através de redes de influências, fatores estes presentes no Brasil desde suas origens colonizatórias, de acordo com Matheus (2007). Sendo assim, esta adaptação às demandas estrangeiras se tornou também mestiça, emaranhando-se à rede de costumes locais. Como já destacado, este campo de tensões se tornava mais explícito nas zonas de urbanização mais intensa, local em que as organizações relacionais regrediam ao avanço do anonimato e da experiência subjetiva intimista, mais condizentes com a importação e desenvolvimento da estrutura capitalista e seus dispositivos de consumo.

Refletindo sobre esta questão enfatiza novamente Matheus (2007):

Mesmo que tantas manifestações, hábitos ou costumes locais sejam característicos de uma organização relacional, a participação na economia do capital, em qualquer posição de sua estrutura, convoca cada um à condição de indivíduo e o inclui na realidade (ideológica) hegemônica que se impõe às diferentes sociedades do globo, exigindo delas a adaptação que lhes é possível. (MATHEUS, 2007, p. 110)

Acerca da realidade brasileira assinalada anteriormente, Matheus ressalta neste fragmento como a participação em uma "economia do capital" pode integrar uma realidade e suas especificidades - uma "organização relacional" no caso brasileiro, como citado - a uma

¹⁹ Modificações estas verificadas exemplarmente na sociedade francesa, portadora de um destacado posto disseminador de influências entre as nações européias ao longo do período citado. Ver: ELIAS, N. *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

condição propícia ao funcionamento capitalista. Esta interação pode ser verificada na contemporaneidade de forma paradigmática através do papel central da cultura de massa num âmbito globalizado, atrelado às modernas formas de consumo, muitas delas ligadas ao exercício da corporalidade. De acordo com este trabalho, a adesão às marcas corporais, neste caso as tatuagens e *piercings*, encontram-se inseridas neste contexto, como se verificará a partir do item 3.4.

Ainda como desenvolvimentos globais, pode-se ressaltar que o enaltecimento do indivíduo moderno é passível ser representado de modo exemplar por duas imagens: a do jovem e a da urbanização, ambas entremeadas à ascensão capitalista. Como decorrências desta configuração um significativo paradoxo desperta atenção: enquanto os interesses individuais são enaltecidos, ganhou forma um significativo mercado de massa para o qual o jovem se tornou símbolo e referência, sendo a homogeneização do consumo mantenedora de um sistema de produção em larga escala. Esta associação não pode ser reduzida apenas ao desvelamento de um nicho privilegiado de consumidores ou de um inédito recurso comercial. Estes elementos apontam para a relevância sem precedentes que o uso da imagem do jovem conquistou, oferecendo uma vigorosa personificação do estabelecimento de uma nova ordem social.

Contemporaneamente podemos observar as conseqüências destes encadeamentos de outrora, hoje encarnados exemplarmente na ‘fisionomia’ dos fenômenos da moda difundidos globalmente. Estes, da música ao *jeans*, dos filmes aos alimentos, do *piercing* à tatuagem, permitem aos *adolescentes de diversas faixas etárias* um normatizado e precário canal de manifestação de uma significação individual do meio cultural que os envolve. A adolescência passou a ser portadora através destes e de outros mecanismos culturais de um lugar estratégico na economia capitalista tardia e, equivalentemente, nos sistemas de sustentação das redes simbólicas que articulam os diversos setores da sociedade contemporânea. Para finalizar, corroborando com estes argumentos ilustra Calligaris (2010):

Desde os anos 80, surge uma verdadeira especialidade do *marketing* da adolescência. Sua relevância está nas proporções do mercado dos adolescentes: eles são numerosos e dispõem de cada vez mais dinheiro. Mas interessam ao mercado também pela influência que exercem sobre a decisão e a consolidação de modas, que transformam os modelos de consumo de muitos adultos. (CALLIGARIS, 2010, p. 58)

Como próxima etapa de trabalho, a partir da continuação desta proposta de interlocução com o âmbito cultural, o conceito de adolescência e puberdade será contextualizado a partir de uma breve investigação da teoria psicanalítica.

3.2 Reflexões sobre adolescência e psicanálise.

A adolescência se constitui como um campo de investigação peculiar e não muito amplo quando analisado sob a óptica psicanalítica. Nesta perspectiva, a adolescência não se limita apenas aos aspectos restritos às mudanças corporais ou à circunscrição a uma faixa etária específica (PINHEIRO, 2001). Na obra freudiana a temática relativa à adolescência surge secundariamente. Freud cita poucas vezes o termo *adolescência* [*Heranwachsen*], mencionando, por outro lado, freqüentemente *puberdade* [*Pubertät*]; sendo este último termo portador de um amplo espectro de utilizações, desde textos metapsicológicos ou referentes à cultura, a discussões acerca da etiologia das neuroses e casos clínicos (MATHEUS, 2007).

A concepção de puberdade utilizada por Freud situa-se na intersecção entre os processos psíquicos, dos quais fazem parte determinantes culturais, e a concretude das repercussões físicas. Este período é descrito não somente como o instante em que o impulso orgânico marca fortemente sua presença, mas também como o prelúdio importantíssimo de um segundo momento da experiência sexual, que ressignifica latentes questões relativas à sexualidade infantil.²⁰ A partir destas considerações, este processo pode ser apontado como não dependente em sua totalidade de aspectos biológicos, tendo em vista a grande interferência da economia psíquica na determinação do sentido do funcionamento das funções orgânicas.

Em 1895, há a publicação de *Projeto para uma Psicologia Científica*, no qual Freud (1895) confere um papel importante à puberdade na etiologia das neuroses, justamente em função da vivência de experiências que reeditam marcas infantis. Este segundo momento da experiência sexual e da constituição psíquica caracteriza-se pelo intenso trabalho em busca da significação para os estímulos internos e externos que se alastram impetuosamente pelo

²⁰ Em função desta relevante posição na teoria freudiana que destaca questões como a ressignificação da sexualidade, a reconstituição subjetiva e ingresso na comunidade social de fato pelo indivíduo, colocações que incluem o uso do termo puberdade por Freud serão consideradas neste trabalho sem uma efetiva diferenciação relativa ao uso do termo adolescência (esta consideração se restringe à obra freudiana). O viés biológico que transparece na obra freudiana é um ponto relevante em sua construção sobre o tema, contudo, neste trabalho, esta discussão não será privilegiada.

aparelho mental. Este trabalho, contudo, não é passível de ser plenamente realizado, resultando em resquícios não elaborados e portadores de uma ausência de sentido, inaugurando assim o âmbito traumático, a partir do qual o psiquismo se organiza. Esta dupla temporalidade é a propriedade central da sexualidade humana, assim como da própria constituição do aparelho psíquico.

Freud (1905) abordou o assunto das transformações pubertárias de forma direta no terceiro ensaio pertencente aos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, texto este que foi alvo de recorrentes modificações ao longo da construção de sua obra. Neste capítulo, mesmo partindo de uma visão ancorada nas transformações corporais, o autor destaca os pontos fundamentais envolvidos no desenvolvimento pubertário enquanto momentos de ruptura, à luz de uma experiência subjetiva, colocando em relevo as complexas determinações e implicações inconscientes envolvidas neste momento exclusivo da dinâmica pulsional. Em suas palavras,

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto que as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. (FREUD, 1905, p. 196)

A partir das contribuições de Freud acerca deste período de transformações, tornou-se insustentável pensar, entre outros pontos, que a sexualidade surja somente na adolescência. Freud promoveu um deslocamento da origem da sexualidade da puberdade para a infância, revolucionando o pensamento que vigorava em sua época. A partir destes desenvolvimentos, o destaque que passou a se atribuir a esta fase da vida em questão se redireciona para a revolução do sentido atribuído à própria sexualidade pelo indivíduo, encaminhando-se ao desvelar dos caminhos da escolha objetal a partir de uma resignificação das bases de sua constituição subjetiva.

Em 1916, Freud volta a tratar do tema da puberdade com destaque, afirmando em sua *Conferência XXI - O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais*, que neste período da vida ganha espaço justamente o processo de escolha de objeto, baseado nas vivências amorosas da infância. Demarca o imperativo de desvinculação do indivíduo dos laços parentais para o ingresso, de fato, na comunidade social. As diferenças e interações entre o masculino e o feminino frente à sexualidade também marcam este momento da obra freudiana. Novamente em suas palavras:

Constatamos que, na puberdade, quando os instintos sexuais, pela primeira vez, fazem suas exigências com toda a sua força, os velhos objetos incestuosos familiares são retomados mais uma vez e novamente catexizados com a libido [...]. Dessa época em diante, o indivíduo humano tem de se dedicar à grande tarefa de desvincular-se de seus pais e, enquanto essa tarefa não for cumprida, ele não pode deixar de ser uma criança para se tornar membro da comunidade social. (FREUD, 1916, p. 340)

Neste momento, no qual o indivíduo se vê diante das demandas de ingresso à comunidade social, haverá uma busca de respostas para os dilemas provenientes de uma exigente demanda psíquica, mesmo que estas sejam momentaneamente provisórias e ilusórias. Para tanto este privilegia o externo: fora de si, fora dos pais, fora da família. A ilusão é de que o outro é portador do que lhe falta, que somente em seu grupo de iguais pode ser compreendido, pode ter espaço. Será também entre estes que o adolescente experimentará a socialização de seus temores, dificuldades, medos e fantasias. Encontrar ressonâncias do que pensa ou sente no grupo de iguais dá suporte ao temor de estar só.

O grupo possibilita experimentar novamente, em certa parcela, as sensações de amparo e segurança, reconhecidas na relação com os pais na infância. Como sublinha Kother Macedo (2004):

Os investimentos buscam novos objetos, o que incrementa a necessidade de ruptura com o que é familiar; os investimentos endogâmicos perdem seu lugar de primazia. Estas novas formas de investimento exogâmicos é que possibilitam a elaboração e a ressignificação dos investimentos anteriores. (KOTHER MACEDO, 2004, p. 74)

Neste contexto de afastamento da endogamia original, na busca por investimentos exogâmicos, os laços de amizade ganham espaço, assumindo um papel decisivo. Estes são alvo de um significativo investimento libidinal e terão um papel fundamental nos novos caminhos a serem construídos pelo adolescente. A amizade, então, ganha a marca da idealização, compensando imaginariamente o desamparo pelo deslocamento dos referenciais parentais. Segundo Freud (1914), será amado aquele que possuir atributos ausentes ao próprio ego. No caso do jovem, este busca no outro elementos que percebe como faltantes em sua própria subjetividade, sendo esta escolha portadora, dentre outros fatores, de características narcísicas peculiares deste momento psíquico.

Segundo Chabert (1999), a ascensão do adolescente a potência de um corpo apto a uma vida sexual genital propriamente dita e a intensidade com que a sexualidade é então experimentada redespertam a problemática edipiana de maneira impetuosa. Retomando o texto de 1905, pode-se enfatizar também que Freud reserva um lugar privilegiado para as ocorrências pubertárias, devido à sua associação às fantasias incestuosas - em função de uma retomada do Complexo de Édipo - ao desligamento da autoridade parental e à subsequente

configuração definitiva da vida sexual dos indivíduos (MATHEUS, 2007). Através desta reedição edípica, o jovem depara-se novamente, com a ferida narcísica da incompletude e da não correspondência a um ideal, passando a projetá-los em sua história futura.

Em sua obra: *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914) afirma que o que é projetado pelo sujeito diante de si como sendo ideal é o substituto de um modelo narcísico perdido de sua infância, no qual ele acreditava ser o próprio ideal. Por não ser mais o ideal, o ego pode ter ideais, abrindo espaço para a busca dos ideais de ego. A subjetividade somente deixará de ter seu caráter marcadamente instável específico da adolescência, na medida em que houver uma integração entre as narrativas vivenciadas e o ineditismo das experiências atuais, possibilitando assim, a projeção de uma idéia de continuidade no futuro para a história do sujeito.

Segundo Marty (2002), a instabilidade narcísica neste período é imprescindível ao desenvolvimento do indivíduo, assim como tem grande importância a angústia adolescente. Durante a adolescência ocorre um gradual desligamento das figuras parentais, representando a superação de um modelo relacional que possui como base o narcisismo primário, fonte na vida intrapsíquica da instância do ego ideal. Ao investir em novas referências, é possibilitado ao adolescente ingressar às vias da reapropriação subjetiva, concretizando no plano intrapsíquico o processo de reformulação dos ideais de ego.

Conforme aponta Fernandes (2007), e como não poderia deixar de ser assinalado, a utilização por Freud das expressões: ideal do ego (*Ichideal*) e ego ideal (*Idealich*) é marcada por uma certa imprecisão. Será a tradição psicanalítica pós-freudiana que concretizará a distinção entre estas expressões. Novamente segundo Fernandes (2007), a partir de Freud;

Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo ao qual o sujeito procura se adequar. Sua função essencial é justamente ser uma referência para o ego. Sua origem, apesar de sua atualização reforçada no momento do Édipo, é principalmente narcísica. (FERNANDES, 2007a, p. 97)

Ao longo da adolescência, o indivíduo através de sua vivência ressignificadora, promove marcas em seus ideais. Neste momento, o ideal ego é alvo de uma significativa reestruturação em suas bases. As relações que até então prevaleciam, são agora postas em xeque em função de novos vínculos identificatórios estabelecidos. Inúmeras são as instabilidades diante desta fragmentação dos iniciais marcos identificatórios, no entanto, estes mesmos fragmentos serão constituintes dos projetos futuros tornados possíveis neste instante. Segundo Matheus (2002), “O ideal de ego constitui o projeto de uma nova imagem, sempre incompleta, fragmentada, que permite o vir a ser do sujeito.”

A instância do ego ideal se constitui como núcleo originário do ego individual a partir do narcisismo primário; em uma relação dual com sua própria imagem o sujeito se define como seu próprio ideal. No ideal de ego a relação é distinta: o ideal se distancia do sujeito, o transcende, e este manifesta o desejo de atingi-lo. O ideal de ego promove a criação de laços sociais numa dimensão temporal e abre espaço para a instauração do desejo. Conforme salienta Fernandes (2007a),

Os ideais nos puxam pra frente; quando eles desaparecem, só nos resta o caminho da regressão em relação ao eu ideal, do retorno ao estancamento narcísico da libido. Quando prima o eu ideal, morre o desejo e ficamos entregues aos excessos da pulsão que ameaça engolir o eu. (FERNANDES, 2007a, p. 99)

Neste sentido, a solidificação do ideal de ego é imprescindível para a abertura de novas vias de subjetivação, a partir das quais o adolescente pode investir em novos modelos referenciais.

Em 1937, em seu texto *Análise terminável e interminável*, Freud novamente tece considerações acerca do tema da puberdade. Sublinha que este se constitui como um dos momentos de instabilidade que não cessam de surpreender o indivíduo, fornecendo obstáculos a qualquer perspectiva conclusiva não somente ao trabalho de análise, mas também para a própria organização psíquica do sujeito ao longo da vida (MATHEUS, 2007). Através destas colocações Freud também põe em cheque a capacidade de domínio das exigências pulsionais, ainda que reconstituições subjetivas se tornem possíveis ao longo da história do indivíduo.

Apesar das fundamentais diferenciações entre a experiência proporcionada pela vivência do masculino e do feminino ao longo da puberdade, um traço comum caracterizado pela invasão do ego por essa emergência pulsional, não passível de suficiente contenção, acaba por confrontar o sujeito com o transbordamento dos afetos, os quais tenderão a ser administrados pelo superego em reestruturação (SAVIETTO; CARDOSO, 2006). A pulsão exige descarga imediata, mas o superego não pode permiti-la em nome de todos os referenciais internalizados que, neste instante, também estão em conflito com novos ideais incorporados. Esta questão, já mencionada anteriormente, se reflete na constituição psíquica do indivíduo, se manifestando retroativamente ao longo de sua história e constituição simbólica.

Considerando-se os pontos levantados através deste breve olhar sobre a teoria psicanalítica, se faz possível a partida rumo à questões concernentes ao estatuto da adolescência na contemporaneidade. O papel das atuais concepções sobre o corpo e suas consequências para a economia libidinal do sujeito contemporâneo despertam a atenção para a

situação particular do adolescente em seu momento de reconhecimento corporal, de transbordamento pulsional e reconstituição subjetiva.

Neste contexto as marcas corporais ocupam um papel simbólico de destaque enquanto formas de mediação deste relacionamento do adolescente com o âmbito pulsional, com o reconhecimento de seu próprio corpo e com o inédito ingresso em uma comunidade social permeada pelos âmbitos do consumo e da cultura de massa. Considerando-se a lógica exposta, o papel dos ideais, como indicado anteriormente, mostra-se fundamental para a interlocução entre adolescentes, cultura e, mais especificamente, o tema das marcas corporais, como tatuagens e *piercings*. No item seguinte esta discussão será realizada de forma mais detalhada.

3.3 Ideais: a dimensão social na fundação do sujeito psíquico

A adolescência, enquanto momento de reconstituição subjetiva, é tomada por alguns autores através do prisma de seus fenômenos psíquicos e sociais como um importante indicador de questões pertencentes à sociedade como um todo. Neste contexto a investigação acerca dos ideais na adolescência se torna relevante na medida em que implicam importantes elementos, estes intensificados nesta faixa etária, mas que devem ser destacados também em uma conjuntura cultural mais ampla, da qual todos fazem parte. A reflexão sobre os atuais ideais disponíveis ao sujeito adolescente é significativa pois, no estudo do universo simbólico de referência destes jovens, pode-se observar privilegiadamente os próprios laços de sustentação da cultura.

Este trabalho destaca o papel da corporalidade nos ideais culturais atuais como um importante pilar da cultura contemporânea, enquanto local de obtenção da garantia de inserção social e de registro de todas as experiências para o sujeito. A ressemantização das práticas de marcação corporal é atravessada por esta temática e seu uso crescente porta um espaço de destaque entre os adolescentes. A escolha deste tema se funda no argumento de que o sujeito adolescente atravessa um momento em que seus referenciais culturais estão em reconstrução assim como a significação do corpo em sua vida. Em uma sociedade na qual o corpo passa a ser o suporte para a subjetividade, a adesão às marcas corporais como tatuagens e *piercings* pelos adolescentes podem se mostrar enquanto um útil elemento de observação deste funcionamento e seus efeitos para a economia psíquica do sujeito contemporâneo.

Através do momento de reformulação subjetiva dos adolescentes, no qual as dinâmicas psíquicas estão em modo superlativo, os limites entre o sujeito, seu corpo e a cultura podem ser interrogados. Por meio deste contexto, neste capítulo os ideais (ideal de ego, ego ideal, ideal de massa, ideal da cultura) enquanto *conceito limite* terão seu espaço através de um percurso na teoria psicanalítica. Como item final, a discussão acerca das conexões entre ideais e corporalidade contemporânea será apresentada.

Como destacado, a problemática adolescente ultrapassa esta faixa etária sobretudo no que diz respeito ao exercício da corporalidade na contemporaneidade. Do corpo e das garantias que dele se podem obter são extraídas um frágil sentimento de legitimação de sua experiência: seja através uma referência no interior dos processos culturais dos quais participa; seja através de um elemento organizador de sua própria biografia, unificação entre a memória e a continuidade da vida que ainda lhe resta. Um registro eminentemente simbólico encarnado.

Por esta perspectiva de organização da história pessoal, o ato de marcar a pele tem ocupado cada vez mais espaço entre os adolescentes, além de outras faixas etárias. Trata-se de uma marca simbólica no reconhecimento de um novo corpo, ato este em sintonia com os ditames culturais em voga: é do corpo que se extrai sua experiência histórica e é no corpo que esta deve ser marcada. Ainda que utilizando as palavras que o idioma da massa lhes disponibiliza, o adolescente realiza um ato de apropriação de seu novo corpo, em sua exploração de uma singularidade já comercializada. Simultaneamente, este ato assume a forma de um desafio, de uma resistência e de uma reafirmação perante as instâncias personificadoras da autoridade sobre os corpos e biografias juvenis. Assim enfatiza Ferreira (2007, p.298):

Fazer uma tatuagem ou colocar um *piercing* começa por configurar um *ato de rebeldia* perante às normatividades que (pre)tendem prescrever e estandardizar a imagem corporal do juvenil e, em última instância, perante as convenções que informam a sacralização de um corpo “natural(izado)”.

Uma referência comum na narrativa de muitos que realizam a primeira marca é a idade de dezoito anos. Nítido divisor de águas na história pessoal de um sujeito que emerge enquanto ruptura, este marco também aponta para o poder simbólico sobre o corpo em revolução, num corte em relação ao corpo e ao discurso parental. Diante deste elemento concreto de ingresso na comunidade social, o sujeito se aproximará de laços identificatórios

que apontam para referências culturais. Assim relata Adriano sobre o conjunto de experiências que envolvem sua primeira marca:

Mas quando eu era mais adolescente e quando eu vejo mais os adolescentes assim, eu vejo que tem identificações assim, com algumas personalidades, com algumas pessoas, sejam músicos, atores, seja o que for... aí, os heróis aí da mídia e por aí vai. A gente se identifica e a gente às vezes compra uma atitude assim, dessas pessoas e eu não sei. Isso também tá relacionado com o corpo né? Com o jeito, com a atitude da pessoa com as roupas e tal. E... assim, não que na época eu estivesse me baseando em alguém assim, que eu gostasse pra fazer uma tatuagem, mas eu acho que existe uma estimulação de rebeldia, de... sabe? “Nossa, eu to com dezoito anos agora. Dezoito pra dezenove. Vou colocar uma tatuagem, por que eu vou ter uma aparência mais... talvez um pouco mais é... mais revoltosa pras outras pessoas. Vou parecer mais mau...” nesse sentido assim. (Adriano, primeira tatuagem aos 18 anos)

Através de sua narrativa Adriano realça o eixo entre a ligação aos alvos identificatórios disponibilizados pela cultura de massa e seu ingressar no laço social, assim como suas formas de habitá-lo. Como portador de um papel intermediário neste processo surge o corpo, representante cultural do desígnio da marca e fonte de sensações. Testemunha ativa do estar e do participar em um círculo simbólico.

Para estes adolescentes as sensações de gozo físico e psíquico que o corpo pode lhes render adquire valor extremo, na medida em que estas se tornam referência de sua própria história e de sua pertinência simbólica ao corpo social. Este sentimento não é exclusivo da adolescência. Trata-se de um estado que permeia todas as faixas etárias: a busca por um bem estar idealizado apregoado pela publicidade através de esvaziados corpos fictícios. A este respeito ressalta Costa (2004):

Assim, a corrida pela posse do corpo midiático, o corpo-espetáculo, desviou a atenção do sujeito da vida sentimental para a vida física. Criou-se uma nova educação dos sentidos, uma nova percepção da morfologia e das funções corporais que tornou o bem-estar sensorial um sério competidor do bem-estar sentimental. (...) O cultivo das sensações passou a concorrer, ombro a ombro, com o cultivo dos sentimentos. Estar feliz não se resume mais a se sentir sentimentalmente repleto. Agora é preciso também se sentir corporalmente semelhante aos “vencedores”, aos “visíveis”, aos astros e estrelas midiáticos. (COSTA, 2004, p. 166)

Nesta dinâmica, esta noção de bem estar perseguida torna-se uma espécie de valor social supremo e passa a ser empregada como critério de normalidade entre os indivíduos. O sofrimento é classificado como estrangeiro, um infortúnio no percurso da virtude e da busca desse estado ideal em que o corpo torna-se representante maior. Como decorrência previsível, um estado de insatisfação permanente se instala no indivíduo, esta intolerável na medida em que qualquer frustração é qualificada como um sinal de fracasso simbólico ou uma ameaça de exclusão cultural.

Assim sendo, ao se promover um estudo contextualizado culturalmente acerca dos adolescentes e seu uso das marcas corporais na contemporaneidade o conceito de ideais se torna imprescindível, na medida em que diz respeito diretamente à parâmetros psíquicos em reformulação e referências culturais que serão os destinos da identificação do sujeito na participação na cultura. Este tema revela sua importância não somente pela investigação da constituição do ser psíquico, mas também para a reflexão acerca de questões sociais verificadas com destaque nesta faixa etária e frente as quais estes são fortemente compelidos à um posicionamento. Seguindo este eixo de estudo, a seguir será realizado um breve percurso teórico acerca da temática dos ideais na teoria psicanalítica.

3.3.1 Ideais: limites do sujeito e da psicanálise

As compreensões acerca do conceito de ideal em psicanálise sofreram inúmeras modificações e foram alvo de diversas interpretações ao longo de sua história. Os ideais são caracterizados por sua dimensão limítrofe que questiona tanto as próprias fronteiras da psicanálise em relação às demais disciplinas, quanto em relação às bordas dos sujeitos psíquicos, que, por intermédio dos ideais, se (re)compõem ininterruptamente através da *incorporação* de distintos elementos simbólicos. Através do olhar sobre os ideais, a constante recaída na cisão indivíduo sociedade pode ser repensada, já que a autonomia de ambos seria preservada, não deixando-se , no entanto, de destacar sua íntima relação, consequência esta da própria ideia de conceito limite.

Este ponto se coloca em questão, na medida em que os ideais relativizam e diversificam as próprias noções de espaço e tempo que transpassam a constituição do sujeito, promovendo uma relação de perpétua troca com os elementos provenientes de sua referência de coletividade e cultura. O trabalho de Freud apresenta o tema dos ideais atrelado fundamentalmente ao espaço privilegiado ocupado pelo *outro* na constituição do sujeito, destacando, assim, a relevância da dimensão política que funda o ser psíquico (MATHEUS, 2002).

Na obra freudiana as discussões que abordam os ideais tem seu espaço a partir de duas vertentes de trabalho que apresentam constante dupla determinação. A primeira destas vertentes diz respeito aos textos que abordam a constituição do aparelho psíquico; como

articuladores encontram-se os termos ego ideal e ideal de ego. Como segunda vertente tem-se os textos sobre teoria da cultura, nos quais identificam-se desenvolvimentos acerca de ideal de massa e ideal da cultura.

3.3.2 Os conceitos de ego ideal e ideal de ego: Freud e outros autores

O ideal de ego diz respeito especialmente ao papel do *outro* na dimensão singular do sujeito. Na forma de dinâmica identificatória, a coletividade imprime sua presença no processo da constituição subjetiva. Neste ponto enfatiza Matheus (2002): "A dimensão social que constitui o sujeito se encontra inscrita na constituição do ideal de ego de cada um". Complementarmente, se faz necessário enfatizar que o processo constituição subjetiva em si tem como condição a inserção no círculo cultural da humanidade.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), em um primeiro momento o conceito de ideal de ego não possuía um sentido unívoco, estando primordialmente ligado à elaboração do conceito de *superego* e da segunda teoria do aparelho psíquico.

Ainda segundo Laplanche e Pontalis, estariam presentes na obra freudiana quatro variações principais do conceito, resultantes do decorrer de sua elaboração. Em um primeiro momento, no texto Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), o termo ideal de ego ganha espaço para descrever uma formação intrapsíquica de referência na avaliação das realizações do sujeito. Há uma diferenciação em relação à instância crítica propriamente dita, já que esta estaria incumbida de perscrutar o ego em ação, confrontando-o com o ideal.

Posteriormente, num segundo momento, em Psicologia de grupo e análise do ego (1921), o ideal de ego desempenha papel central, sendo abordado a partir do ponto de vista das formações coletivas: os ideais de ego coletivos funcionam através uma convergência de ideais de ego individuais. Parte desta dinâmica pode ser ilustrada de acordo com as palavras de Freud: "Certos indivíduos puseram um só e mesmo objeto no lugar do seu ideal do ego, e em consequência disso identificaram-se uns com os outros no seu ego." (FREUD, apud LAPLANCHE e PONTALIS, p. 289). Desta forma, estes indivíduos seriam os depositários de um certo número de ideais coletivos, por meio de diferentes soluções de compromisso entre as identificações com os pais e com instâncias educadoras por exemplo.

O terceiro momento consiste no texto *O ego e o id*, de 1923. Apesar da ação de uma instância crítica já ter sido anteriormente trabalhada, o termo *superego* é cunhado somente neste momento. Como decorrência deste desenvolvimento, o ideal de ego surge como sinônimo de um recém delimitado *superego* e as funções de interdição e ideal desempenhadas por uma mesma instância unificadora. Esta dinâmica entre instâncias psíquicas pode ser melhor ilustrada através das próprias palavras de Freud (1923, p. 28):

O ego evolui da percepção para o controle dos instintos, da obediência a eles para a inibição deles. Nesta realização, grande parte é tomada pelo ideal do ego, que, em verdade, constitui parcialmente uma formação reativa contra os processos instintuais do id.

O quarto e último momento da elaboração do conceito de ideal de ego na obra freudiana segundo Laplanche e Pontalis, se refere ao texto das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933), no qual o ideal de ego é mais uma vez retomado paralelamente ao *superego*. O ideal de ego representa uma das atribuições do *superego*, juntamente do senso de auto-conservação e da consciência moral. Por esta óptica, o ideal de ego corresponde à representação da inferioridade, enquanto a consciência moral, a representação da culpa.

Posteriormente a Freud a distinção entre os conceitos de ideal de ego e ego ideal²¹ foi realizada, sendo que diversos autores trabalharam esta temática de diferentes formas. Um destes autores é Jurandir Freire Costa, com destaque para seu texto *Narcisismo em Tempos Sombrios* (1988).

Para o autor, o ego ideal corresponde a um outro especular do ego narcísico ao mesmo instante em que o ideal de ego diz respeito a um sujeito em transição, em direção à um eterno futuro. Um sujeito "que só existe enquanto promessa" (COSTA, 1988), se tornando, por este motivo, capaz de lidar com a presença do outro enquanto diferença e também suportar a dimensão da falta em sua própria subjetividade.

A partir da distinção entre estas duas estruturas, Costa passa então para a descrição de duas categorias de funcionamento do psiquismo, simultaneamente opostas e complementares: o primeiro, pautado pelo ego ideal, é caracterizado pela ilusão de unicidade, continuidade e ipseidade; o segundo, baseado no ideal de ego, oferece uma perspectiva de futuro ao sujeito, num constantemente renovável vir a ser.

²¹ Neste trabalho, as denominações ego ideal e ideal de ego serão privilegiadas em detrimento de ideal de eu e eu ideal. Esta escolha corresponde à versão da nomenclatura utilizada nas traduções e artigos consultados.

Com ponto de vista essencialmente semelhante, Horstein (1989) também trata desta temática, focando-se sobretudo em sua perspectiva funcional. Em relação ao ego ideal ele o descreve a partir de uma identificação do ego com uma dimensão valorizada, idealizada; contudo não há qualquer perspectiva temporal: "Ou sou ou não sou" (HORSTEIN, p. 176). O ego ideal, a partir de uma imagem de completude narcísica inicial, conserva as marcas a partir das quais o ideal de ego se organizará. Em uma contraposição, o ideal de ego se coloca como uma promessa para o futuro: "Não sou mas posso chegar a sê-lo" (ibidem, p. 177).

Assim como Costa, o autor aponta dois funcionamentos distintos do ego de acordo com a referência em cada um dos ideais: o funcionamento baseado no ego ideal compreende a completude e a onipotência. O funcionamento pautado no ideal de ego se apresenta a partir da presença de um ideal frente ao qual o ego se reconhece diferente e, a partir deste ato, torna-se possível a ampliação da perspectiva temporal, na qual o ego pode *vir a ser*.

Dessa forma, a construção de um projeto que objetiva conciliar a distância entre o ego e seu ideal (de ego) se torna possível, o trabalho psíquico se torna uma alternativa para uma tentativa de recuperação parcial de um suposto registro de completude primordial. Este processo se dará, no entanto, fundamentado em um movimento identificatório que diz respeito "a valores, críticas e exigências presentes no sistema de desejos parentais que, por sua vez, refletem o sistema de valores do campo social" (HORSTEIN, p. 176).

Um aspecto apontado por alguns autores e que merece ser considerado diz respeito à um fenômeno que ganha importância na contemporaneidade: a passagem necessariamente incompleta do ego ideal para o ideal de ego. Segundo Horstein (apud MATHEUS, 2002), muitas das questões acerca de uma "personalidade narcisista" nos dias de hoje, diz respeito a esta transição não completamente realizada, já que as características presentes no ego ideal neste contexto cultural receberiam uma especial significação. Assim, os elementos do ego ideal, presentes em todo o sujeito numa dimensão narcísica, podem ser resgatados ciclicamente e especialmente empregados a partir dos valores da sociedade contemporânea.

Incorporando mais pontos a esta discussão, a partir de um contraponto, está a obra de Lagache (1982), segundo a qual o ego ideal, embora se refira à um período pré-edípico, não deve ter sua relevância negligenciada no decurso do desenvolvimento psíquico. Este constitui uma polaridade (juntamente com o ideal de ego, seu oposto) que, por sua natureza, serve como parâmetro para as sínteses e alternância de identificações promovidas pelo sujeito (MATHEUS, 2002). Se por um lado este retorno ao ego ideal pode ser considerado como uma

regressão a um estado narcísico, por outro neste momento o psiquismo poderá reencontrar sua autonomia.

Ao mesmo tempo, se um estado ligado ao ideal de ego indica um sujeito integrado à ideais sociais e supostamente menos atrelado a um funcionamento pré-edípico, esta conjuntura também aponta para uma menor autonomia e, conseqüentemente, menores possibilidades de ação e criação. Nesta lógica, uma condição 'estável', poderia ser constituída justamente por este conflito fundamental entre os ideais de naturezas distintas e a busca contínua da promoção de um compromisso entre seus destinos: entre a autonomia do ego ideal e a heteronomia do ideal de ego.

Mais especificamente ao longo da puberdade, o modelo representado pelo ideal de ego, este inicialmente portador de referenciais parentais, é colocado em cheque e o funcionamento pautado pelo ego ideal é resgatado. Neste momento ganha destaque o embate entre as instâncias id e superego. As pulsões no id sofrem uma revolução em função de um redespertar inclusive orgânico e o discurso parental, assim como a identificação com o superego dos pais, são postos em cheque, pondo fim ao período de latência precedido pelo complexo de Édipo.

Neste momento de conflito o sujeito dirige-se para o abandono parcial dos primários objetos incestuosos, reinvestidos graças ao momento de redespertar do complexo de Édipo na adolescência, culminando na catexização de novos elementos. Partindo deste processo, na medida em que o ideal de ego representa significativamente os ideais parentais, este é momentaneamente renegado e o ego ideal reinvestido, inclusive com a participação de novos referenciais identificatórios. Esta movimentação se torna parte relevante de um remanejamento dos fundamentos do próprio ideal de ego, que edificará novos parâmetros para a construção da história do sujeito.

Neste momento, o reinvestimento no ego ideal pode se concretizar através da identificação com referenciais presentes ao redor do jovem e, conseqüentemente, as vias corporais são uns dos alvos mais adotados na contemporaneidade. Em um remanejamento dos parâmetros de sua história as marcas tem lugar privilegiado, como relata Taís em sua experiência de primeira tatuagem realizada:

Então, eu fiz um beija-flor, preto só, não é colorido. É... por que eu pensei que é o único animal que eu vejo que se você prender assim... acho que morre, é o beija-flor. É tipo um animal que você não vê preso em jaula nem nada... em gaiola. Ai eu decidi fazer o beija-flor. Faz quase dois anos que eu fiz. [...] É quando eu saí de casa. Quando eu saí de casa que eu meio que tive a minha liberdade, por que eu meio que não podia sair muito. Não tinha muito lazer. Ai por isso que eu decidi fazer a

tatuagem. Eu tava meio que me sentindo livre, vamos dizer assim. Foi quando eu decidi fazer a tatuagem. (Taís, primeira tatuagem aos 18 anos)

Nesta vinheta, a entrevistada narra um importante momento de concretização de seu rompimento com os referenciais primários: sua saída não consentida da casa dos pais. No momento referido os ideais parentais são destituídos e o símbolo deste remanejamento identificatório e do momento cronológico vivenciado passa pelo reinvestimento no ego ideal e a conseqüente marcação do corpo. Trata-se de uma marca histórica escolhida, símbolo de uma autonomia desejada, que é representada pelo relato acerca da escolha simbólica da figura do beija-flor. Contudo, as contradições em seu percurso são ressaltadas na medida em que esta atitude metafórica de desejo de autonomia é promovida através das amarras da cultura, representado pela escolha da tatuagem, uma das opções mais massificadas da atualidade. De certo modo, é como se a emancipação das coerções impostas pelos ideais parentais somente pudesse se concretizar através da submissão aos ideais da cultura.

No interior desta temática, que aponta para a intersecção entre o percurso psíquico do sujeito e as circunscrições do meio cultural, como próximo passo, será apresentada uma breve conceituação e discussão acerca dos ideais de massa e ideais culturais na psicanálise.

3.3.3 Ideais culturais e ideais de massa: a cultura e seus papéis

Os conceitos de ideais culturais e de ideais de massa não possuem uma formulação ou delimitação precisas na obra freudiana. O que será privilegiado neste trabalho é a discussão acerca destes conceitos em diferentes momentos da construção de sua teoria²². Em sua obra, Freud faz constantes referências à uma instância mediadora entre os indivíduos pertencentes a uma sociedade, especialmente em seus textos de teoria da cultura. No entanto, os termos utilizados e os conteúdos diferem, obedecendo à lógica da problemática abordada.

A este respeito destaca Matheus (2002, p. 59):

A referência à noção de ideal de massa aparece, como tal, somente na *Psicologia de massas*. Nos textos *Futuro de uma ilusão* e no *Mal-estar na cultura*, a noção utilizada é a dos ideais de uma cultura ou ideais sociais, a partir da concepção freudiana de cultura. Porém, desde o *Totem e tabu* nota-se a ideia de elementos articuladores que realizam a mediação entre os homens e são produzidos coletivamente.

²² A partir de proposição de Matheus (2002).

Através da leitura de Totem e tabu (1913), pode-se localizar a intencionalidade do trabalho em articular a constituição do sujeito a um elemento que o antecede e também transpassa: a cultura. Totem e Tabu diz respeito à passagem da horda primitiva ao estado social, organizado por leis aceitas por seus membros, produções humanas necessariamente articuladas entre si. Nas palavras de Matheus (2002, p. 60) "(...) a socialização do ser humano depende da mediação entre os semelhantes pelos totems, os quais sustentam simbolicamente as interdições impostas pelos tabus instituídos coletivamente." O totem ocuparia este posto na origem da cultura e na instauração do universo simbólico; as organizações sociais dependeriam diretamente desta função para sua manutenção.

Em Psicologia de grupo e análise do ego (1921), Freud aborda o comportamento de uma massa ao mesmo tempo onipotente e sugestionável pelo líder. O termo ideal de massa está presente nesse texto e é empregado por Freud para detalhar a dinâmica do vínculo estabelecido entre os sujeitos e seu líder. No fenômeno de massa descrito por Freud, vários sujeitos tomam um mesmo objeto por ideal, passando por um processo de identificação entre si em função de sua escolha. O ideal de massa neste momento se encontra atrelado à imagem idealizada do líder, que em função deste laço se torna capaz de exercer imensa influência sobre os demais.

Sendo assim, pode-se destacar que, no interior de um grupo um sujeito pode possuir ligações de identificação que contribuirão de diferentes formas para a constituição de seu ideal de ego. Freud realça que o sujeito não é somente determinado pelos papéis sociais que exerce, entretanto os ideais de massa interferem positivamente em sua constituição simbólica através dos reflexos em seu ideal de ego.

Neste momento torna-se imprescindível pontuar uma importante diferenciação entre o fenômeno de massa descrito por Freud e a cultura de massa, fenômeno inerente ao século XX e motor fundamental da indústria cultural. No fenômeno de massa o sujeito dissolve sua singularidade na massa, visando integrar-se a um todo identificado com um único ser singularizado: o líder. A cultura de massa se distingue radicalmente a partir do processo em que o sujeito busca a singularidade, contudo numa língua genérica. A adesão às práticas de marcação corporal, mais especificamente a tatuagem e *piercing*, localizam-se neste contexto ao lado de outros fenômenos também atravessados pela cultura de massa e pelo insaciável e incessante *consumo de signos de singularidade* (SILVA, G. F., 2012, p. 60).

Através do relato de Janaína pode-se observar este movimento do desejo da conquista deste fragmento de singularidade (atrelado ao corpo) que atravessa o sujeito contemporâneo:

Eu sempre gostei de ser diferente assim, sabe? Desde pequena eu sempre gostei de fazer as coisas diferentes das outras pessoas assim. Ai, sei lá, piercing é uma coisa que me deixa diferente assim, eu acho né? [...]. E eu sempre meio que gostei de criar polêmica e tem muita gente que não gosta de piercing (risos), que acha feio e tal. Ai eu acho que, daí...acho que foi mais ou menos isso assim. Tanto que eu sei lá, eu não gostava tanto de piercing no septo. No começo eu achava feio. Ai depois eu comecei a achar em muitas pessoas bonito [...]. Daí eu pensei: “Vou tentar um no septo, vai que fica bonito em mim assim”. Ai eu fiz. No começo eu não gostei muito, mas daí eu acostumei, eu acho que daí eu gostei. (Janaina, primeiro piercing aos 16 anos)

Através desta narrativa pode-se observar a troca entre os anseios individuais do sujeito, o desejo de singularidade e os ditames culturais em voga na contemporaneidade. O sujeito, que busca se distinguir em meio a seu círculo social escolhe o *piercing* enquanto possibilidade de alcançar um fragmento de diferenciação perante ao outro. Trata-se de uma temática que mobiliza o sujeito, que anseia por dar forma ao laço social no qual habita. Contudo, trata-se de um diálogo que não abdica ao idioma da massa. Na busca pela diferença, o principal elemento ainda encontra-se no olhar e apreciação do outro.

Partindo de um ponto distinto, no texto *Futuro de uma Ilusão*, Freud expõe o conceito de ideais culturais. Este é apresentado a partir de uma contraposição entre cultura e natureza. A cultura é então apresentada como conjunto de saberes para controle da natureza, que objetiva melhor satisfazer as necessidades humanas e também regula os vínculos entre os sujeitos (FREUD, 1927). Como decorrência desta descrição, os ideais culturais são delineados a partir desta dimensão *aculturada* do ser humano num contraste com as tendências anti-sociais ou anti-culturais, apontadas como uma porção latente do sujeito.

Segundo Matheus (2002), a partir deste ponto torna-se possível realizar uma diferenciação entre os ideais culturais e os ideais de massa. Nas palavras do autor:

Neste sentido, é possível destacar uma primeira distinção entre os ideais culturais e os ideais de massa. Se os ideais de massa variam conforme as ideias, tendências ou desejos, sejam estes quais forem, de determinados indivíduos, os ideais culturais, por sua vez, constituem o repertório construído pelas gerações e se opõem ao não construído, à natureza. Se a cultura é identificada à noção de civilização e, indiretamente, está atrelada à crença no progresso da ciência, os ideais culturais são aqueles que marcam a separação da humanidade da condição animal. São ideais de uma certa cultura, aquela que, com seus *avanços*, busca o controle da natureza, inclusive da natureza humana. (MATHEUS, 2012, p. 67)

Os ideais culturais são considerados como elementos norteadores de uma cultura, na medida em que são modelos para o que deve ser almejado, para o vir-a-ser, dos membros de um grupo. Como esta referência primária tende à perpetuação, sempre contando com a incorporação de novos traços, os ideais culturais se tornam um elo histórico entre gerações. Elo que porta as marcas das gerações precedentes para serem herdadas e novamente marcadas

pelas gerações sucessoras, numa perpétua alimentação de uma história viva, constituindo um idioma dinâmico que se permite forjar a partir de suas próprias palavras.

Entretanto, mesmo funcionando como mediadores no interior de uma cultura, os ideais não excluem as desigualdades entre os subgrupos que a integram. Ao se verem próximos ou distantes dos objetivos assinalados pelos ideais de uma cultura, estes se localizam mais ou menos próximos de seus pontos de coesão. Esta desigualdade entre os sujeitos pode se constituir como um potencial ponto de ruptura, na medida que o processos de identificação pode não ser legitimizado por todos os componentes.

Como outro ponto de tensão, mais além dos conflitos entre os segmentos de uma cultura, está o embate interno em cada sujeito, em função dos diversos ideais, impulsos e desejos que o habitam. Neste momento há o confronto entre duas forças: os ideais que integram o sujeito à cultura e o aproxima dos demais e as tendências anti-sociais, que visam a satisfação pessoal imediata. Este embate pode ser compreendido como uma dimensão inerente ao psíquico: sujeito *versus* cultura (FREUD, 1923, p. 6). Trata-se propriamente de um paradoxo: o movimento que conduz a absorção do sujeito pela massa ou o distancia da mesma.

Este conflito entre indivíduo e cultura é abordado também no texto *Mal estar na cultura* (1930), no qual Freud ressalta que a tensão presente na civilização decorre não somente do conflito de expectativas do sujeito ou entre os sujeitos. Uma agressividade constitutiva é inerente à natureza das relações humanas e exige dispositivos que dêem conta de uma mediação de conflitos. Logo, a cultura seria uma consequência desta disposição de forças.

Neste momento Freud interpreta como "passo cultural decisivo" a substituição do poder do indivíduo pelo poder da comunidade, resultado da união de uma maioria frente a seres isolados. Através deste mecanismo, o sujeito subjuga seus impulsos ou instintos de satisfação imediata e egoísta em nome dos benefícios de integrar-se ao coletivo. Entretanto, a união de cada um a uma maioria coloca em cheque as possibilidades de felicidade e satisfação do sujeito, na medida em que este se vê diante da necessidade da repressão de seus instintos mais primitivos, conduzindo ao mal estar inevitável. É esta disposição ambivalente e precária que possibilitou a origem da cultura.

O sujeito do Mal Estar na Cultura é concebido como aquele que se encontra encurralado entre as demandas da civilização e as necessidades individuais: sujeito e objeto da

oposição entre forças egoísta e altruísta. A partir deste dilema fundamental se destaca uma importante questão através destas abordagens que se mostram complementares: a constituição subjetiva e a gênese da cultura como pontos de um mesmo eixo.

Diante do mal-estar inevitável para o sujeito no ato de sua submissão aos preceitos da cultura, os ideais culturais²³ ganham espaço na sustentação do contrato social. Estes funcionam como uma compensação às perdas individuais na medida que representam uma promessa de realização futura, característica do ideal de ego, contudo partindo de disposições subjetivas afins. Desta forma, ocorre igualmente o fortalecimento dos laços identificatórios, outro elemento fundamental para o funcionamento social e 'administração' da dimensão destruidora do ser humano. Para finalizar, pode-se ressaltar que os ideais agem como suporte ao sujeito diante do mal estar inerente à condição social.

Neste contexto pode-se interrogar se os usos do corpo na contemporaneidade não pertenceriam a lógica dos ideais culturais e ainda como importante elemento de sustentação psíquica individual. No interior destas práticas as tatuagens e *piercings* se constituiriam enquanto porta-vozes privilegiados dos conflitos do sujeito em seu desejo por singularidade, numa evasão ao mal estar inerente à vida em sociedade. Para dar continuidade ao tema, no próximo item a conexão entre ideais e corporalidade contemporânea será privilegiada.

3.3.4 Vivência da corporalidade e os ideais de uma cultura

De acordo com Reisfeld (2005, p. 65), o corpo responde a um discurso social, fato este que convoca os sujeitos a compartilharem um imaginário coletivo. Partindo desta suposição, as práticas de marcação corporal como o *piercing* e a tatuagem na atualidade interpelam o pensamento por seu impacto e presença transcultural, geracional e econômico. Estas apresentam a marca de uma cultura e de um discurso que priorizam uma concepção de um corpo-imagem como via de valorização social. Nas palavras de Silva (2012, p. 47), "Sua

²³ "A variação de nomenclatura usada por Freud nesse texto - ideais *dos seres humanos*, ideais *culturais* - indica não só a imprecisão de uma investigação que não se sedimentou, como também a complexidade das variáveis em questão. Quando o autor fala em ideais dos seres humanos, resta saber se está se referindo aos ideais de cada ser humano ou a aproximação dos seres humanos como comunidade. Mais que uma indefinição da linguagem, a dúvida é indicativa da complementaridade entre os ideais - ideais de ego e ideais culturais." (MATHEUS, 2002, p. 72)

proliferação é sobretudo massificação de uma técnica em uma época em que o impacto visual, o cuidado e a modificação da imagem exterior adquirem suma importância".

Pensando esta conjuntura, qual seria o lugar ocupado pelo *piercing* e pela tatuagem nos ideais do adolescente brasileiro no contexto social contemporâneo globalizado? O lugar ocupado pela corporalidade e seu exercício na sociedade contemporânea ocidental pode ser considerada como ideal cultural? As marcas corporais, como tatuagens e *piercings* agiriam como uma via codificada de expressão dos parâmetros da cultura de massa, manifestação consentida de uma *singularidade domesticada* (SILVA, G. F., 2012)?

A adolescência pode ser considerada como um momento constituinte do sujeito, na medida em que decorre de um questionamento e deposição dos modelos parentais, e uma reconstrução da imagem de si, assim como de seu sentido no círculo social. Neste novo processo de organização e estruturação as bases culturais serão de extrema importância. Para o adolescente sua problemática de mudança se concretiza nas modificações em seu corpo, nas novas sensações que o acompanham e no novo lugar ocupado por este em sua história. O papel central ocupado pela função do corpo na cultura contemporânea, ligado a superestimação ao valor das sensações, promove uma potencialização desta forma de viver a corporalidade e neste momento as marcas corporais atuam como um símbolo de uma marcação histórica escolhida neste corpo reconstruído.

A cultura das sensações, como bem apontado por Costa (1988, 2004), pode ser destacada como um elemento articulador do papel do corpo na atualidade. A exploração da imagem do corpo surge como valor inquestionável e organiza uma hierarquia entre aqueles que ocupam o lugar de símbolos ideais e entre todos os demais que ambicionam participar desta elite. A busca por este estado é conduzida essencialmente através de atitudes de consumo, muitas delas voltadas à exploração do próprio corpo. Através deste as sensações serão obtidas, sendo que o corpo passa a ser encarado como forma de rendimento, de satisfação própria e também garantia de consideração, de participação simbólica no corpo social.

Entre os grupos de adolescentes esta política do bem estar contínuo porta um relevante espaço especialmente através dos ditames do lazer e do consumo. Principalmente a partir de meados da década de 1970 estes valores se expandem e se tornam largamente acessíveis para a maior parte da população, deixando de serem restritos às camadas mais elitizadas. Jovens de todos os extratos sociais são incorporados à indústria do consumo e da mídia e seu universo simbólico se torna alvo preferencial de campanhas comerciais dos mais diferentes produtos

(ABRAMO, 1994, p. 74). Neste contexto, a busca à adequação a esses parâmetros significa para o sujeito também a pertinência a uma cultura, busca esta promovida a partir de uma ininterrupta troca de componentes simbólicos entre o indivíduo e seu meio.

A partir dessas considerações é possível destacar como a concepção de ideais como um conceito limite se torna elemento principal na articulação entre adolescentes e cultura. A interdependência entre ideais de ego e ideais culturais se constitui como o elo principal desta argumentação. Os ideais culturais são peça fundamental para a constituição dos ideais de ego, contribuindo decisivamente para a perspectiva de futuro que o ideal de ego representa. Assim, esta continuidade interroga diretamente as bordas dos sujeito psíquico no que diz respeito à sua incorporação na cultura, em uma sociedade específica. Os ideais de uma cultura são produções características de um momento histórico específico e esta mesma marca é impressa na subjetividade que se produz. (MATHEUS, 2002)

O adolescente, neste período específico de remanejamento psíquico, busca no corpo social ferramentas de significação para os elementos estrangeiros com os quais se depara. Neste momento os ideais culturais compartilhados se apresentam como pontos de referência primordiais ao adolescente. Estes serão imprescindíveis tanto para a reconstituição de sua interioridade, quanto para promover sua pertinência à cultura a partir de inéditos traços identificatórios.

A suposta autonomia ansiada pelo adolescente neste momento de transição será então atingida a partir de uma dinâmica portadora de traços contraditórios, já que esta será viabilizada a partir de uma pertinência a esta cultura, o que pressupõe uma partilha de ideais com os demais componentes. O desligamento do discurso parental implica em um compromisso simbólico com o coletivo. Contudo, esta adesão aos ideais culturais não significa necessariamente uma completa relação de submissão: trata-se de uma relação de constante negociação com o universo que pretende compor e partir do qual será composto. Os ideais de ego singulares serão um resultado deste processo de negociação, como formação de compromisso entre o repertório anterior trazido pelo adolescente e os ideais oferecidos pela cultura. (MATHEUS, 2002).

Ao buscar a saída do universo familiar o sujeito se estabelece como pólo privilegiado de absorção do ideário cultural. Desta maneira, o adolescente se encontra na confluência de uma rede de relações sociais, sendo diretamente composto e miscigenado por estas, da mesma forma que reage positivamente contra o campo de referências que o invade.

Desta forma, através desta breve discussão buscou-se enfatizar a interdependência entre os ideais de ego e os ideais culturais, fenômeno este que adquire destaque no período da adolescência, a partir do processo de remanejamento identificatório. Destacou-se igualmente as consequências da supervalorização corporal enquanto componente dos ideais culturais para economia psíquica do sujeito contemporâneo, ressaltando-se o papel das marcas corporais nesta conjuntura simbólica contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Pensar o corpo é uma outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social: qualquer confusão introduzida na configuração do corpo é uma confusão introduzida na coerência do mundo”.

David Le Breton

A adolescência é significada nos dias atuais como um processo de passagem do universo infantil para o adulto que envolve conflitos em extensos âmbitos. Estes conflitos são resultantes do trabalho psíquico promovido em função da fragilidade de dispositivos culturais que possam realizar uma mediação simbólica ao longo deste período e efetivar a legitimação do sujeito enquanto novo membro do corpo social (MATHEUS, 2002). A desestruturação destes dispositivos remete o sujeito a referências pouco claras, confrontando-os com os dilemas daí decorrentes.

Ao longo deste percurso, as questões respectivas ao meio cultural enfrentadas pelo adolescente produzirão marcas decisivas em seus ideais. Neste momento, o ideal de ego passará pelos efeitos de um intenso processo de ressignificação de suas inscrições (MATHEUS, 2002). Os referenciais que até então prevaleciam, são postos em xeque em função dos inéditos vínculos estabelecidos. Os ideais culturais, nesta conjuntura, se tornam elemento essencial para essa reconstituição subjetiva do adolescente. Estes participam da reestruturação dos ideais de ego, através de uma nova oferta de referenciais a serem adotados; processo este que representa de forma emblemática a intersecção entre sujeito e cultura.

Enquanto especificidade da sociedade contemporânea, o corpo como suporte subjetivo primordial é imposto ao sujeito adolescente, já portador de um referencial corporal em um delicado momento de reconhecimento. Para o adolescente o corpo na sociedade contemporânea, encarnado como elemento estruturante dos ideais culturais, torna-se um representante de sua relação com o mundo tanto interno quanto externo. O corpo adolescente é atravessado por sentimentos simultâneos de pertencimento e não-pertencimento em função de mudanças orgânicas, da sexualização que o atravessa e do embate com o discurso parental. Este desalocamento fundamental é um fator que o torna um personagem central nesta problemática da constituição subjetiva do sujeito na contemporaneidade.

A relação do sujeito com seu corpo nos dias de hoje ocorre sob a égide do domínio de si. O sujeito contemporâneo é induzido a construir o corpo, modelar sua aparência, dissimular

o envelhecimento ou a fragilidade, ocultando seu percurso histórico natural. O corpo se tornou o principal meio de representação de si. Nas palavras de Courtine (1993, p. 242, tradução nossa) a cultura do corpo nos dias atuais seria: "(...) uma das formas essenciais de compromisso com as necessidades do consumo em massa. Aí se descobre assim não um desaparecimento das proibições, mas, em vez disso, uma nova distribuição de coerções." A extrema exigência contemporânea erige o corpo como realidade em si, como simulacro do homem por meio do qual é avaliada sua presença e por meio do qual este ostenta a imagem que pretende transmitir aos outros, lógica esta invariavelmente transpassada pelas formas de consumo.

Se nas diversas sociedades humanas o corpo se constituiu como uma estrutura simbólica (LE BRETON, 1995;1993), na atualidade da sociedade ocidental globalizada este se converte em uma forma de expressão e de exposição intensamente reivindicada, embasada por um imperativo de se transformar, de se esculpir, de se colocar no mundo. A conversão em signo objetivada por outras sociedades de acordo com suas normas culturais neste momento se converteu em uma encenação deliberada de si, fato este que resume o corpo a um material a ser moldado.

Diante deste dilema do sujeito, a narrativa histórica é traduzida em produção de um corpo e a pele se torna um alvo simbólico especial nesta dinâmica. A pele envolve o corpo, se torna uma delimitação concreta das próprias fronteiras, estabelecendo o limite entre o dentro e o fora de maneira vívida, porosa (LE BRETON, 2010). No caso da tatuagem ou do *piercing*, abordados neste trabalho, a pele se apresenta à maneira de uma tela, de um registro de uma memória viva e encarnada. Sua dinâmica corresponde à uma forma de costurar significados no próprio corpo.

Na pele a marca se converte em uma escrita metafórica dos momentos-chave da história do sujeito: memória de uma passagem da qual o desejo guarda uma marca. Uma reivindicação histórica que faz do corpo uma escrita em relação aos outros e em relação ao círculo simbólico que o envolve. "Rito pessoal para mudar a si mesmo mudando a forma do corpo" (LE BRETON, 2003, p. 39). Na adesão à marca o sujeito manipula suas referências, reabsorve os preceitos culturais de seu entorno e converte o ato em um rito íntimo (JEFFREY, 1998).

Entretanto este processo também é integrado às exigências de adequação à uma imagem idealizada, a partir das inúmeras maneiras de encenar a aparência que regem a cultura atual. As marcas corporais implicam igualmente o desejo de atrair o olhar, de obter a

cumplicidade do outro imediato, de fabricar uma estética da presença, mesmo se o local da inscrição permanece oculto à primeira vista. Trata-se de adicionar sentido ao espaço de representação de si perante à comunidade social. De modo ainda mais relevante para o adolescente, indica a tentativa de assimilação de um corpo, de um âmbito libidinal e de um mundo simbólico que lhe escapam à significação através da inscrição de um limite concreto de sentido.

Diante do desamparo da ausência de controle sobre a existência, o corpo se apresenta como uma instância ao alcance das incessantes modificações planejadas pelo sujeito; explorações estas que se integram ao código da cultura, especialmente aos ditames do consumo em massa. Estas exigências se tornam especialmente opressoras ao induzir o sujeito adolescente à necessidade de complementar solitariamente um corpo insuficiente para contemplar sua subjetividade e as demandas culturais concomitantemente.

Nessa conjuntura as marcas corporais se tornam a grande metáfora desta intensa turbulência protagonizada pelo sujeito adolescente e por este aprisionador estatuto do corpo na contemporaneidade. Marcador histórico de um corpo cindido de seu passado, a escolha da marca corporal pelo adolescente abarca em si um excesso de significações que diz respeito tanto à constituição subjetiva na contemporaneidade quanto ao meio simbólico que a contextualiza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- BIRMAN, J. *Mal estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- CALLIGARIS, C. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- CHABERT, C. Organisation psychosexuelle: Particularités du complexe d'oedipe. In: BRUSSET, B. et al. *Névroses et fonctionnements limites*. Paris: Dunod, 1999.
- COSTA, J. F. Narcisismo em Tempos Sombrios. In: BIRMAN, J. (Org.). *Percursos na história na psicanálise*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.
- _____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- COURTINE, J-J. Les stakhanovistes du narcissisme. Body building et puritanisme ostentatoire dans la culture américaine du corps. *Communications*, Paris, n. 56, p. 225-251, 1993.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERNANDES, M. H. O corpo fetiche: a clínica espelho da cultura. In: F. MILNITSKY (Org.). *Narcisismo: o vazio na cultura e a crise de sentido*. Goiânia: Dimensão, 2007a.
- _____. *Transtornos Alimentares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007b.
- FERREIRA, V. S. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o *body piercing* como expressão corporal de uma ética da dissidência. *Revista Etnográfica*, Lisboa, v. 11, p. 291-326, 2007.

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. Tradução de J. Salomão. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. I. (p.335 - 454) Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 123-251.

_____. (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 17-163.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 82-119.

_____. (1916). Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 325-342.

_____. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 79-154.

_____. (1923). O ego e o id. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 13-83.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 13-71.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 81-171.

_____. (1933). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 13-220.

HORSTEIN, L. *Introdução à Psicanálise*. Tradução de M. A. Sta. Cruz. São Paulo: Editora Escuta, 1989.

JEFFREY, D. *Jouissance du sacré*. Paris: Armand Colin, 1998.

KOTHER MACEDO M. M. *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LAGACHE, D. *Agressivité - structure de la personnalité et autres travaux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE BRETON, D. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: PAPIRUS Editora, 2003.

_____. *La chair à vif: Usages médicaux et mondains du corps humain*. Paris: Métailié, 1993.

_____. *Antropologia del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

_____. *Signes d'identité: tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié, 2002.

_____. *En souffrance: adolescence et entrée dans la vie*. Paris: Métailié, 2007.

_____. *Conduitas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Campinas: Autores Associados, 2009.

_____. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 33, p. 25-40, 2010.

LEITÃO, D. K. Mudanças de significado da tatuagem contemporânea. *Cadernos IHU Ideias*, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 16, p. 1-22, 2004.

LEVISKY, D. L. *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LÍRIO, D. *Suspensão Corporal: Novas facetas da alteridade na cultura contemporânea*. São Paulo: Editora Annablume, 2010.

MARTY, F. et al. *Transactions narcissiques à l'adolescence*. Paris: Dunod, 2002.

MATHEUS, T. C. *Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2002.

_____. *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

PÉREZ, A. L. A Identidade à Flor da Pele: Etnografia da Prática da Tatuagem na Contemporaneidade. *Revista MANA*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 179-206, 2006.

PINHEIRO, T. Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso (Org.). *Adolescência: Reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU/ FAPERJ, 2001.

REISFELD, S. *Tatuajes: Una Mirada Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

SANT'ANNA, D. B. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SAVIETTO, B. B., CARDOSO, M. R. Adolescência: ato e atualidade. In: *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 15-46, 2006.

SILVA, G. F. *Um estudo sobre as funções da tatuagem e da identificação à luz da psicanálise freudiana*. Tese (Doutorado em Psicologia), 142 f., São Paulo, IP/ USP, 2012.

SILVA JUNIOR, N. et al. A narrativa do destino e a função identitária do corpo na modernidade. *Revista A Peste*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 127-141, 2009.

SINDICATO DOS TATUADORES DE SÃO PAULO. Disponível em <www.setap-sp.com.br>. Acesso em: abril 2012.